

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ASSOCIADO
EM EDUCAÇÃO FÍSICA – UEM/UEL**

GISLAINE CONTESSOTO PIZZO

**IMPACTO DAS NECESSIDADES PSICOLÓGICAS BÁSICAS MEDIADAS
PELO RELACIONAMENTO TREINADOR-ATLETA NA EXPERIÊNCIA
ESPORTIVA DE JOVENS ATLETAS BRASILEIROS**

**Maringá - Paraná
2016**

GISLAINE CONTESSOTO PIZZO

**IMPACTO DAS NECESSIDADES PSICOLÓGICAS BÁSICAS MEDIADAS
PELO RELACIONAMENTO TREINADOR-ATLETA NA EXPERIÊNCIA
ESPORTIVA DE JOVENS ATLETAS BRASILEIROS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM/UEL, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lenamar Fiorese Vieira

**Maringá – Paraná
2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

P695i Pizzo, Gislaine Contessoto
Impacto das necessidades psicológicas básicas mediadas pelo relacionamento treinador-atleta na experiência esportiva de jovens atletas brasileiros / Gislaine Contessoto Pizzo. -- Maringá, 2016.
82 f. : il. col., figs., tabs., anexos + apêndices

Orientadora: Prof.a Dr.a Lenamar Fiorese Vieira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física - UEM/UEL, 2016

1. Necessidades Psicológicas Básicas - Aspectos psicológicos no esporte. 2. Motivação - Esporte. 3. Experiência esportiva positiva. 4. Relacionamento Treinador-Atleta. I. Vieira, Lenamar Fiorese, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Educação Física. Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física - UEM/UEL. III. Título.

CDD 21.ed. 796.01

MN-003871

GISLAINE CONTESSOTO PIZZO


**IMPACTO DAS NECESSIDADES
PSICOLÓGICAS BÁSICAS MEDIADAS
PELO RELACIONAMENTO TREINADOR-
ATLETA NA EXPERIÊNCIA ESPORTIVA
DE JOVENS ATLETAS BRASILEIROS**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM/UEL, na área de concentração Desempenho Humano e Atividade Física, para obtenção do título de Mestre.

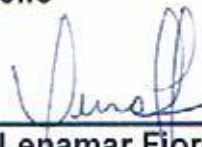
APROVADA em 09 de dezembro de 2016.



Profa. Dra. **Joice Mara Facco Stefanello**



Prof. Dr. **Jorge Both**



Profa. Dra. **Lenamar Fjorese Vieira**
(Orientadora)

Agradecimentos

À Universidade Estadual de Maringá, especificamente ao Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UEM/UEL, pela estrutura oferecida e contribuição para minha formação acadêmica.

Aos docentes do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UEM/UEL que com as disciplinas ministradas e conhecimentos, contribuíram para uma formação ainda mais completa.

À minha orientadora, Lenamar Fiorese Vieira, pela oportunidade, dedicação, direcionamento e ensinamentos que tanto contribuíram para o meu amadurecimento acadêmico, profissional e pessoal.

Aos professores da banca examinadora Prof. Dr. Jorge Both e Prof^a. Dr^a. Joice Mara Facco Stefanello, pelas correções e sugestões no projeto e no trabalho final.

Aos atletas, técnicos e dirigentes participantes das finais dos Jogos Escolares Brasileiro 2015, que consentiram em participar desta pesquisa e sem os quais não seria possível a realização da mesma.

Aos integrantes do grupo de pesquisa Pró-Esporte, coordenadores, doutorandos, mestrandos e acadêmicos, pelo auxílio neste trabalho, pelos trabalhos desenvolvidos, pela convivência compartilhada, troca de experiências, momentos de descontração, companhia no laboratório e confraternizações.

Aos colegas mestrandos e doutorandos pela companhia, pelas trocas de conhecimento, pelo compartilhamento dos mesmos anseios e preocupações. Em especial à Andressa Contreira Ribeiro, José Roberto de Andrade do Nascimento Júnior, Selso Siteo e Francieli Rocha pelas parcerias nos almoços do dia-a-dia, pelas horas de conversa, descontração e apoio no decorrer do trabalho, sempre dispostos a compartilhar e ajudar em cada etapa.

À minha família, em especial minha mãe Rosângela Aparecida Contessoto Pizzo e meu pai Edmilson João Pizzo, que apesar das dificuldades e desencontros do dia a dia sempre estiveram ao meu lado quando precisei, acreditando sempre na minha capacidade. Agradeço por sempre serem meus exemplos de perseverança, guerreiros ensinando sempre a lutar por aquilo que queremos.

Minha irmã Geovana Contessoto Pizzo, que esteve ao meu lado nas madrugadas de trabalhos, sempre paciente aguentando meu stress.

Minha irmã Gisele Contessoto Pizzo, meu cunhado Robson Marques, meu lindo sobrinho Pablo Henrique Contessoto Marques e nossa princesinha Pietra Valentina que está a caminho, que não mediram esforços quando precisei de ajuda e sempre acreditaram na minha formação.

Ao meu noivo e futuro marido Cássio José Basdão, que com sua paciência sempre me aconselhou, me apoiou, incentivou, ajudou, e não me deixou desistir jamais dessa longa jornada e sua família que sempre esteve na torcida.

De forma geral, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram de todas as formas possíveis para a realização de um sonho tão sonhado por mim.

E por fim agradeço a Deus, meu refúgio e fortaleza, por ter me dado força nos momentos mais difíceis, saúde, ânimo e perseverança, pois sem ele não seria possível a conclusão desta etapa de minha vida.

PIZZO, Gislaine Contessoto. Impacto das necessidades psicológicas básicas mediadas pelo relacionamento treinador-atleta na experiência esportiva de jovens atletas brasileiros 2016. 82f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

RESUMO

O objetivo do estudo foi analisar o impacto das necessidades psicológicas básicas mediada pelo relacionamento treinador-atleta na experiência esportiva de jovens atletas brasileiros. Participaram do estudo 355 atletas de ambos os sexos, com média de idade de $16,07 \pm 0,82$ anos participantes da etapa final Jogos Escolares da Juventude Brasileiro de 2015. Como instrumentos foram utilizados os questionários de Experiência de Jovens no Esporte (YES-S), Relacionamento Treinador-Atleta (CART-Q) e a Escala de Satisfação das Necessidades Psicológicas Básicas (BNSSS). As análises dos dados foram realizadas no pacote estatístico SPSS versão 20.0, por meio dos testes *Kolmogorov Smirnov*, *U de Mann-Whitney* e correlação de *Spearman*, adotando-se $p < 0,05$. As análises que envolveram a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) e a Modelagem de Equações Estruturais (MEE) foram realizadas no software AMOS versão 20.0. Os resultados evidenciaram que os jovens atletas brasileiros apresentaram maiores médias para a proximidade (RTA), autonomia (NPB) e iniciativa (EE). Quando comparado em função do tipo de modalidade, atletas de modalidades coletivas apresentaram maior percepção de complementaridade ($p = 0,032$) (RTA), e maiores experiências para habilidades pessoais e sociais ($p = 0,017$) (EE), enquanto que atletas de modalidades individuais, apresentaram maior satisfação das NPB de competência ($p = 0,002$). Em função do sexo, evidenciou-se que atletas do sexo feminino obtiveram níveis maiores para a proximidade ($p = 0,001$) (RTA), e habilidades cognitivas ($p = 0,044$) (EE), enquanto que atletas do sexo masculino se mostram mais satisfeitos nas NPB de competência ($p = 0,002$). Quanto à correlação entre o RTA, NPB e EE, destaca-se relações positivas entre comprometimento e relacionamento ($r = 0,28$); relacionamento e habilidades cognitivas ($r = 0,26$); comprometimento com habilidades cognitivas e iniciativa ($r = 0,25$) e proximidade com iniciativa e estabelecimento de metas ($r = 0,25$). Ao analisar o modelo, os resultados evidenciaram relações significativas entre a satisfação das NPB e o relacionamento treinador atleta ($r^2 = 25$) e o RTA mediou significamente a relação entre a satisfação das NPB e as experiências esportivas ($r^2 = 0,19$). Ainda foi possível destacar que efeito direto da NPB sobre a EE foi de $\beta = 0,27$, e quando inserido o RTA como mediador, esse efeito aumentou em $\beta = 0,12$ resultando em um efeito total de $\beta = 0,39$. Conclui-se que no contexto esportivo brasileiro, atletas jovens satisfeitos com suas necessidades psicológicas básicas possuem maiores chances de estabelecerem boas relações com seus treinadores. Ademais, as relações sociais entre atletas motivados e treinadores possuem impacto significativo nas experiências esportivas dos atletas, contribuindo para um maior engajamento esportivo.

Palavras-Chave: Necessidades Psicológicas Básicas; Relacionamento Treinado Atleta; Experiência Esportiva.

PIZZO, Gislaine Contessoto. The impact of basic psychological needs mediated of coach-athlete relationship in sport experience of youth brazilian athletes. 2016. 82f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

ABSTRACT

The objective of the study was to analyzed the impact of basic psychological needs mediated by the coach-athlete relationship in the sports experience of young Brazilian athletes. Participated 355 athletes, male and female, with a mean age of $16,07 \pm 0,82$ years, from the final phase of the Brazilian Youth School Games of 2015. As instruments were used the Youth Experience in Sport Scale (YES-S), Coach-Athlete Relationship Questionnaire (CART-Q) and the Basic Needs Satisfaction in Sport Scale (BNSSS). The data analyzes were performed in the statistical package SPSS version 20.0, using the Kolmogorov Smirnov, Mann-Whitney test and Spearman correlation, adopting $p < 0,05$. Analyzes involving Confirmatory Factor Analysis (CFA) and Structural Equation Modeling (SEM) were performed in AMOS software version 20.0. The results showed that the Brazilian young athletes showed higher averages for closeness (CAR), autonomy (BPN) and initiative (SE). When compared according to the type of the sport, athletes of group sports presented higher perception of complementarity ($p = 0,032$) (CAR), and greater experiences for personal and social skills ($p = 0,017$) (SE), whereas athletes of individual sports, presented higher satisfaction of the competence (BPN) ($p = 0,002$). Based on gender, female athletes obtained higher levels of closeness ($p = 0,001$) (CAR), and cognitive abilities ($p = 0,044$) (SE), while male athletes were more satisfied in the competency (BPN) ($p = 0,002$). Regarding the correlation between CAR, BPN and SE, it highlight positive relationships between commitment and relationship ($r = 0,28$); relationship and cognitive abilities ($r = 0,26$); commitment to cognitive skills and initiative ($r = 0,25$) and closeness to initiative and goal setting ($r = 0,25$). When analyzing the model, the results evidenced significant relations between BPN satisfaction and coach-athlete relationship ($r^2 = 0,25$) and CAR significantly mediated the relation between BPN satisfaction and sports experiences ($r^2 = 0,19$). It was still possible to emphasized that the direct effect of BPN on SE was $\beta = 0,27$, and when CAR was inserted as mediator, this effect increased in $\beta = 0,12$ resulting in a total effect of $\beta = 0,39$. It is concluded that in the Brazilian sport context, young athletes satisfied with their basic psychological needs are more likely to establish good relationships with their coaches. In addition, the social relations between motivated athletes and coaches have a

significant impact on athletes' sports experiences, contributing to a greater sports engagement.

Keywords: Basic Needs Psychology; Coach-Athlete Relationship; Sport Experience.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação de participantes de acordo com cada região do Brasil.....	39
Figura 2 - Modelo hipotético do impacto das necessidades psicológicas básicas mediado pelo relacionamento treinador-atleta na experiência esportiva de jovens atletas brasileiros.....	44
Figura 3 - Modelo de medida.....	49
Figura 4 - Modelo estrutural do impacto das necessidades psicológicas básicas mediada pelo relacionamento treinador-atleta na experiência esportiva de jovens atletas brasileiros.....	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-	Modelo hipotético do impacto das necessidades psicológicas básicas mediada pelo relacionamento treinador-atleta na experiência esportiva de jovens atletas brasileiros.....	40
Tabela 2-	Qualidade do relacionamento treinador-atleta, nível das necessidades psicológicas básicas e experiências esportivas de jovens atletas brasileiros.....	45
Tabela 3 -	Comparação da percepção da qualidade do relacionamento treinador atleta, da satisfação das necessidades psicológicas básicas e das experiências esportivas em jovens atletas brasileiros em função da modalidade.....	46
Tabela 4 -	Comparação da percepção da qualidade do relacionamento treinador atleta, da satisfação das necessidades psicológicas básicas e das experiências esportivas em jovens atletas brasileiros em função do sexo.....	47
Tabela 5 -	Correlação entre o relacionamento treinador atleta, necessidades psicológicas básicas e as experiências esportivas em jovens atletas brasileiros.....	48
Tabela 6 -	Efeitos padronizados direto e indireto do modelo estrutural do impacto das necessidades psicológicas básicas mediada pelo relacionamento treinador-atleta na experiência esportiva de jovens atletas brasileiros.....	51

LISTA DE ANEXOS E APÊNDICES

Anexo A -	Questionário de Relacionamento treinador-atleta (CART-Q) – Versão Atleta.....	75
Anexo B -	Questionário de experiência de jovens no esporte (YES-S) versão para língua portuguesa.	76
Anexo C -	Escala da satisfação das necessidades básicas no esporte (BNSS).....	77
Anexo D	Parecer consubstanciado do CEP	78
Apêndice A	Termo de consentimento livre e esclarecido – Jogos escolares brasileiros 2015	79

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

DEF	Departamento de Educação Física
CCS	Centro de Ciências da Saúde
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UEL	Universidade Estadual de Londrina
RTA	Relacionamento Treinador-Atleta
YES	<i>Youth Experience Survey for Sport</i>
NPB	Necessidades Psicológicas Básicas
DPJ	Desenvolvimento Positivo de Jovens
EE	Experiência Esportiva
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Contextualização da temática	14
1.2 Justificativa	17
1.3 Delimitação da pesquisa	18
1.4 Limitações da pesquisa	18
1.5 Definições de termos	18
2 OBJETIVOS	20
2.1 Objetivo Geral	20
2.2 Objetivos Específicos	20
3 REVISÃO DE LITERATURA	21
3.1 Motivação no esporte: contribuições da subteoria das Necessidades Psicológicas Básicas	21
3.2 Relacionamento Treinador-Atleta no esporte	26
3.3 Desenvolvimento positivo e experiências positivas de Jovens no esporte.....	31
4 MÉTODOS	38
4.1 Caracterização do estudo.....	38
4.2 População Alvo.....	38
4.3 Instrumentos	40
4.4 Procedimentos de Coleta de Dados	41
4.5 Análise dos dados	42
5 RESULTADOS	45
5.1 Relacionamento treinador-atleta, necessidades psicológicas básicas e experiências esportivas.....	45
5.2 Impacto das necessidades psicológicas básicas mediado pelo relacionamento treinador-atleta nas experiências esportivas.....	48
6 DISCUSSÃO	52
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICES E ANEXOS	74

1 INTRODUÇÃO

1.1 Caracterização do Tema

O reconhecimento do esporte como importante meio de inclusão social e desenvolvimento de jovens, impulsionou a oferta de projetos esportivos financiados pelo governo brasileiro e instituições privadas (VIANNA; LOVISOLO, 2011), estabelecendo crescente participação de crianças e adolescentes. Com o engajamento desses praticantes, muitos passaram a adotar essa prática como estilo de vida e uma de suas principais atividades do cotidiano, sendo motivados pela obtenção de saúde, interação social ou competição (KONDRIC et al., 2013).

O esporte de rendimento se constitui por atividades organizadas que podem oferecer diferentes experiências para o desenvolvimento dos jovens (GANO-OVERWAY et al., 2009), uma vez que a experiência esportiva é caracterizada pelas vivências positivas e/ou negativas que ocorrem dentro do contexto esportivo (HANSEN; DWORKIN; LARSON, 2003; GUCCIARDI, 2011). Estas experiências envolvem relações bidirecionais entre o jovem atleta e seu ambiente mais próximo, como a família, o treinador e os colegas de equipe, além de sofrer influência de outras esferas mais distantes, como as decisões políticas e a influência cultural (KREBS, 2009).

Pesquisas têm sido realizadas com intuito de investigar fatores que podem estar relacionados com as experiências esportivas de jovens atletas (STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2009; HOLT; NEELY, 2011; VELLA; OADES; CROWE, 2013a; RIGONI, 2014). Tais investigações têm enfatizado aspectos centrados no próprio indivíduo-atleta: interdependência, resistência mental, clima motivacional (BRUNER; HALL; COTÉ, 2011; GUCCIARDI, 2011; MACDONALD et al., 2011; TAYLOR; BRUNER, 2012). Contudo, nota-se uma lacuna na literatura quanto à necessidade de investigar variáveis que envolvem a influência do processo de relacionamento interpessoal, considerando principalmente as relações estabelecidas no contexto esportivo e o impacto dessas relações nas experiências esportivas de jovens atletas (HANSEN; LARSON, 2005; LERNER et al., 2005; COAKLEY, 2011).

O ambiente familiar e o ambiente esportivo são apontados como as relações sociais mais próximas aos atletas e podem ser estimadas como uma das principais

fontes de relacionamento social intervenientes na vida dos atletas. Estudos consideram tais relações como uma rede social complexa e multidimensional que influencia na qualidade da participação e da experiência esportiva desses jovens (JOWETT; TIMSONKATCHIS, 2005; EDWARDSON, GORELY, 2010; HOLT; NEELY, 2011; VIEIRA et al., 2013; NUNOMURA; OLIVEIRA, 2014; ROSS; MALLETT; PARKES, 2015; KANG; JEON; KWON, 2015).

Ao considerar as relações sociais no contexto esportivo, a relação treinador-atleta tem sido apontada como fator determinante para o desenvolvimento positivo dos jovens no esporte (VELLA; OADES; CROWE, 2013b). O relacionamento entre treinador e atleta é considerado um veículo para o direcionamento de condutas no esporte, que por sua vez pode exercer influência no crescimento profissional e pessoal de atletas e treinadores (POCZWARDOWSKI; BAROTT; JOWETT, 2006). O relacionamento treinador-atleta vêm sendo uma variável investigada buscando a associação com clima motivacional, estilo de liderança, coesão de grupo e motivação (JOWETT; LAVALLEE, 2007; DAVIS; JOWETT; LAFRENIÉRE, 2013) com a finalidade de analisar o impacto que esse relacionamento pode causar dentro do contexto esportivo, na carreira do atleta e do treinador.

Além de influenciar na experiência esportiva dos jovens, o papel do treinador tem sido apontado como um agente que pode mediar a motivação esportiva (DECI; RYAN, 2000; BALAGUER et al., 2012; BERNARDES, et al., 2015; MINUZZI, et al., 2015). A Teoria da Autodeterminação (TAD), explica por meio da subteoria das Necessidades Psicológicas Básicas (DECI; RYAN, 2000) que ambientes psicológicos criados por pessoas significativas ao indivíduo (como treinador, atleta, pares e pais) tendem a influenciar na satisfação das necessidades humanas inatas de autonomia, competência e relacionamento. Por sua vez, as necessidades incidem sobre a permanência dos indivíduos na prática esportiva e, conseqüentemente, contribuem para o alcance da motivação autodeterminada e podem refletir na experiência esportiva dos jovens atletas (DECI; RYAN, 2000; MAGEAU; VALLERAND, 2003; BALAGUER et al., 2012).

Neste sentido, tendo como base teórica do estudo a Teoria da autodeterminação, entende-se que um indivíduo motivado, com boas relações sociais está mais sujeito a vivenciar experiências positivas em uma atividade organizada e bem orientada, indo ao encontro da Abordagem do Desenvolvimento Positivo de Jovens (DPJ). Essa abordagem é sustentada no pressuposto de que

todos os jovens têm potencial para alcançar um desenvolvimento positivo (LERNER; BROWN; KIER, 2005), referindo os caminhos para o qual as crianças e adolescentes acumulam experiências ideais para o seu desenvolvimento por meio do envolvimento em atividades organizadas, além das interações entre os indivíduos e as características de seu ambiente social (HOLT; NEELY, 2011).

Diante de tais considerações, se torna importante investigar a motivação e as relações sociais de jovens atletas dentro do contexto esportivo, a fim de verificar se essas relações podem influenciar nas experiências esportiva e impactar no desenvolvimento positivo. Face a essas reflexões, o presente estudo buscou responder à seguinte questão-problema: Qual o impacto das necessidades psicológicas básicas, mediada pelo relacionamento treinador-atleta, na experiência esportiva positiva de jovens atletas brasileiros?

1.2 Justificativa Social e Científica

Na literatura verifica-se que ao longo dos anos os estudos desenvolvidos em Psicologia Esportiva mantiveram seus esforços nas investigações de variáveis (motivação, estresse, ansiedade, estratégias de *coping*, agressividade) individuais dos atletas, a fim de apontar os comportamentos que podem influenciar o desempenho esportivo e melhor rendimento do atleta (JOWETT; LAVALLEE, 2007). Recentemente, além das características específicas do próprio atleta, estudos visam investigar os relacionamentos interpessoais no contexto esportivo (relação treinador-atleta, coesão de grupo), em busca de compreender o comportamento de características que visam o alcance de metas em comum diante de um grupo (JOWETT; NEZLEK, 2011) e ainda verificar como tais relações podem afetar o desempenho, bem-estar, satisfação e motivação nas competições (CHOI; CHO; HUH, 2013).

Além disso, dentro do contexto esportivo, entende-se que o relacionamento treinador-atleta é provavelmente um propulsor para que o atleta tenha boas experiências esportivas, uma vez que, o treinador é o agente que irá direcionar o atleta em suas experiências esportivas, desempenhando um importante papel no desenvolvimento positivo por meio do esporte (CÔTÉ; GILBERG, 2009). Outro aspecto a ser considerado é referente às relações que o jovem atleta estabelece fora do contexto esportivo, como o relacionamento constituído no ambiente familiar, que representa as relações mais próximas dos jovens atletas e podem ser consideradas uma das principais fontes de relacionamento social intervenientes em sua vida. Dessa forma, as relações familiares e esportivas constituem-se numa rede social complexa e multidimensional que podem influenciar de forma positiva ou negativa na motivação e na qualidade da participação e da experiência esportiva desses jovens.

Destaca-se ainda, que o tema escolhido para investigação emergiu a partir do contato com a Psicologia Positiva, que visa destacar aspectos positivos dos atletas no decorrer da sua carreira esportiva (SNYDER; LOPEZ, 2009). Essa ideia ainda se intensificou ao observar o relacionamento de atletas com seus respectivos treinadores em competições, treinamentos e até mesmo fora do contexto esportivo.

1.3 Delimitação do estudo

Ainda que o esporte possa apresentar experiências negativas, devido ao suporte teórico da abordagem do desenvolvimento positivo dos jovens e ao instrumento utilizado, este estudo delimita sua análise à experiência esportiva positiva, especialmente, de origem psicossocial, relacionada a habilidades pessoais e sociais, habilidades cognitivas, estabelecimento de metas e iniciativa.

A pesquisa foi delimitada à atletas brasileiros, entre 15 a 17 anos, de diferentes tipos de esportes e níveis de desempenho, participantes dos Jogos Escolares da Juventude, etapa nacional, no ano de 2015.

1.4 Limitações da pesquisa

A presente pesquisa se limita a estudar e avaliar algumas variáveis psicológicas intervenientes no contexto esportivo: o relacionamento treinador-atleta, necessidades psicológicas básicas e experiências esportivas positivas. A avaliação foi realizada em jovens atletas brasileiros em um único momento da temporada esportiva de 2016, não investigando os fatores intervenientes nessas variáveis ao longo da temporada.

1.5 Definição de termos

Necessidades Psicológicas Básicas (NPB) – Disposições de caráter inato, cuja satisfação é essencial para a sobrevivência, crescimento, integração e bem-estar do indivíduo (RYAN; DECI, 2002).

Relacionamento treinador atleta (RTA) - Situação dinâmica na qual os aspectos cognitivos, comportamentais e afetivos de técnicos e atletas se relacionam de forma interdependente (JOWETT, 2005).

Desenvolvimento Positivo dos Jovens – Termo traduzido do inglês *Positive Youth Development (PYD)* que significa uma nova abordagem para o estudo do desenvolvimento de jovens cujo foco está na promoção e desenvolvimento de pontos fortes, talentos e interesses da juventude, com a finalidade de se tornar indivíduos conscientes de seus direitos e responsabilidades (DAMON, 2004; LERNER et al., 2005; SNYDER; LOPEZ, 2009).

Experiência esportiva positiva (EE) - Vivências que ocorrem especificamente no contexto esportivo, as quais envolvem relações bidirecionais entre o jovem atleta e seu ambiente mais próximo, como família, treinador e colegas de equipe, tanto quanto as esferas mais distantes, como as decisões políticas e a influência cultural (GUCCIARDI, 2011; KREBS, 2009).

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar o impacto das necessidades psicológicas básicas mediado pelo relacionamento treinador-atleta na experiência esportiva de jovens atletas brasileiros.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar as necessidades psicológicas básicas, a qualidade do relacionamento treinador-atleta e as experiências esportivas de jovens atletas brasileiros.
- Comparar e correlacionar as necessidades psicológicas básicas, a qualidade do relacionamento treinador-atleta e experiências esportivas de jovens atletas brasileiros, em função da modalidade e sexo.
- Avaliar o impacto das necessidades psicológicas básicas, mediado pelo relacionamento treinador-atleta, na experiência esportiva de jovens atletas brasileiros.

3 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura está estruturada em três capítulos. Inicialmente, serão abordados os conceitos-chaves necessários para a compreensão do Desenvolvimento Positivo e das experiências positivas de Jovens no esporte. No segundo capítulo, será abordada a temática Necessidades psicológicas básicas e no terceiro capítulo, abordar-se-á a temática Relacionamento Treinador-A atleta no contexto esportivo.

3.1 Motivação no esporte: contribuições da subteoria das Necessidades Psicológicas Básicas

A motivação no contexto esportivo é considerada um fator fundamental para o desempenho e sucesso dos atletas, uma vez que além de promover melhor desempenho nos treinamentos e competições, é considerada um elemento chave para promover boas experiências no esporte (VALLERAND, 2004; VLACHOPOULOS; KAPERONI; MOUSTAKA, 2011; DECI; RYAN, 2012). Nesse sentido, pesquisas realizadas na área da psicologia do esporte nos últimos anos têm-se voltado ao estudo da motivação (DECI; VANSTEENKISTE, 2004; VALLERAND, 2007), contribuindo com conhecimentos acerca dos motivos que levam uma pessoa a praticar determinado esporte, além de fornecer maiores conhecimentos a respeito deste constructo (CHIAN; JOHNWANG, 2008; DECI; RYAN, 2012).

De acordo com Deci Ryan (2012), a motivação pode ser definida como forças intrínsecas (internas) e/ou extrínsecas (externas) que orientam à iniciação, direção, intensidade e persistência de um determinado comportamento, ou ainda um motivo ou conjunto de motivos que levam alguém a se esforçar, agir, persistir ou trabalhar em prol de uma meta desejada. Nessa perspectiva, nas últimas três décadas foram desenvolvidas algumas teorias de motivação para entender a persistência ou o comportamento de abandono no esporte (WEINBERG; GOULD, 2008; DECI; RYAN, 2012). Dentre estas teorias, encontra-se a Teoria da Autodeterminação (TAD), considerada o estudo da motivação humana na busca pelo bem-estar (DECI; RYAN, 1985; DECI; RYAN, 2008). A TAD começou a ser propagada no final da década de

1970 e início da década de 1980, e desde então vem ganhando grande destaque como suporte teórico em pesquisas na área de Psicologia do Esporte (DECI; RYAN, 2000; AMIOT; GAUDREAU; BLANCHARD, 2004; PERREAULT; VALLERAND, 2007; GILLET et al., 2010).

A TAD postula que os indivíduos apresentam tendências inatas e ambientais para um desenvolvimento saudável (RYAN; DECI 2002). Em relação às tendências inatas, a TAD destaca que a personalidade do sujeito possui forte ligação com suas orientações motivacionais. Já em relação às tendências ambientais, o meio social em que o indivíduo está inserido pode agir como um elemento interveniente na sua motivação (DECI; RYAN, 2000) e por esta razão, as interações entre o indivíduo e o ambiente social podem levar ao desenvolvimento e à adoção de identidades particulares. Uma das principais características da TAD é a existência de estilos regulatórios de motivação que são apresentados em um continuum que representa a motivação na forma menos autodeterminada (amotivação) para a mais autodeterminada (motivação intrínseca), sendo os três principais tipos de regulações motivacionais propostos: amotivação, motivação extrínseca e motivação intrínseca. A amotivação se relaciona à falta de motivação e é caracterizada por um indivíduo que percebe que há pouco ou nenhum propósito em continuar com a atividade (RYAN et al., 2011). Refere-se ainda, à ausência de competência e intenção para empenho, engajamento ou participação em uma atividade (VALLERAND, 2004; VALLERAND, 2007; DECI; RYAN, 2008).

Já a motivação extrínseca ou controlada caracteriza o indivíduo pela realização de atividades por recompensa, punição, julgamento ou pressão externa (de instrutores, treinadores, pais, pares, mídia) e não necessariamente pelo prazer e satisfação que estas atividades proporcionam (DECI; RYAN, 2008). Do menor ao maior nível de autodeterminação, estas formas de motivação extrínseca são externas, introjetadas, identificadas e integradas (DECI; RYAN, 2012). No outro extremo do continuum, a motivação intrínseca é a forma mais autodeterminada da motivação (regulação interna). Comportamentos intrinsecamente motivados são caracterizados pelo sentimento de satisfação, prazer e derivados do próprio comportamento do sujeito em realizar determinada atividade (DECI; RYAN, 2012).

Por ser considerada uma macroteoria, a TAD é composta por diversas subteorias que caracterizam as diferentes formas do comportamento motivacional humano, dentre as quais se destacam a Teoria da Avaliação Cognitiva, Teoria da

Integração Orgânica, Teoria da Orientação de Causalidade, Teoria de Conteúdo de Metas e Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas (RYAN; DECI, 2002). Em se tratando da subteoria das Necessidades Psicológicas Básicas, vem recebendo destaque na literatura, uma vez que postula a importância do indivíduo satisfazer as três necessidades psicológicas inatas que interferem no nível motivacional de um indivíduo: competência, autonomia e relacionamento (DECI; RYAN, 2008).

A competência refere-se à habilidade do indivíduo em lidar com os desafios apresentados no meio social vivido, além de sentir-se efetivo para o alcance de seus resultados mostrando suas capacidades físicas e mentais (DECI; RYAN, 2012). Um indivíduo que têm a satisfação da necessidade de competência, busca com maior segurança novos desafios a serem superados e com isso adquire maior confiança e efetividade em suas ações. A satisfação de competência ainda depende da percepção do atleta em relação ao clima motivacional do contexto e está diretamente ligada à oferta de *feedbacks* positivos ao realizar as atividades desafiadoras (DECI; RYAN, 2008; DECI; RYAN, 2012).

Por sua vez, a necessidade de autonomia é a capacidade do indivíduo sentir que pode exercer o controle sobre suas ações e decisões. Considerando a satisfação de autonomia no esporte, o treinador é apontado como agente primordial que pode influenciar nessa satisfação (RYAN; DECI, 2007; DECI; RYAN, 2012). Ao adotar um comportamento de apoio à autonomia dos atletas, os treinadores colaboram ativamente para que os atletas se sintam capazes de tomar iniciativas frente suas experiências. Assim, um sentimento de vontade, de escolha, vai emergir contribuindo com o bem-estar psicológico dos atletas (RYAN; DECI, 2011; DECI; RYAN, 2012).

Já o relacionamento, reflete a necessidade de satisfazer as relações sociais de apoio, sendo caracterizado pelo sentimento de conexão que o sujeito possui em relação ao ambiente em que vive (DECI; RYAN, 2008). Neste sentido, no contexto esportivo, o atleta tem que se sentir parte do grupo, tendo o sentimento de interação entre os agentes do contexto em busca de estabelecer relações sociais positivas e se sentir relevante para os mesmos.

Conforme destacado pela subteoria, indivíduos que sentirem satisfeitas estas três necessidades básicas possuem maior possibilidade de alcançar o sucesso esportivo (DECI; RYAN, 2012). Ainda, pesquisas ressaltam que a satisfação das necessidades psicológicas básicas está relacionada com o desenvolvimento positivo

de uma série de atributos psicológicos no contexto esportivo, principalmente em se tratando de atletas jovens (GAGNÉ; RYAN; BARGMANN, 2003; ADIE; DUDA; NTOUMANIS, 2008).

Neste sentido, é importante ressaltar que para a satisfação das necessidades psicológicas básicas, os indivíduos devem estar incluídos, engajados e inseridos em um contexto social que atenda suas necessidades (DECI; RYAN, 2008; MAGEAU; VALLERAND, 2003), uma vez que, fatores referentes aos ambientes sociais e às relações interpessoais influenciam a motivação autônoma. Diante disso, pondera-se que não são os ambientes físicos em si os promotores da motivação dos indivíduos, mas sim as conexões que estes estabelecem com as outras figuras significativas inseridas nesses contextos, como os treinadores, instrutores, pares e pais (GONZÁLEZ et al., 2015).

Assim, entende-se que as figuras de suporte como treinadores e instrutores, bem como o clima de apoio no contexto esportivo são responsáveis por incentivar e desenvolver a satisfação das necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e relacionamento (MAGEAU; VALLERAND, 2003; DECI; RYAN, 2008; GONZÁLEZ et al., 2015), que por sua vez contribuem para o alcance da motivação autodeterminada. Por outro lado, a falta de suporte por parte das figuras de autoridade (treinadores ou instrutores) e o controle dos comportamentos dos atletas, não permitem a autonomia, e por consequência, é provável que os jovens atletas não desenvolvam a sua motivação intrínseca (MAGEAU; VALLERAND, 2003).

Investigações internacionais (GUNNEL et al., 2014; PODLOG et al., 2015; STENLING; LINDWALL, HASSMÉN, 2015; REYNOLDS; MCDONOUGH, 2015; LUNDQVIST; RAGLIN, 2015; JOWETT et al., 2016) vêm sendo desenvolvidas nos últimos anos com base na TAD, visando investigar os fatores que podem estar relacionados à satisfação das necessidades psicológicas básicas no contexto esportivo.

Gunnel et al. (2014) e Lundqvist, Raglin e John (2015) investigaram a relação das necessidades psicológicas básicas com o bem-estar de universitários e atletas de elite. Como resultados, concluíram que a satisfação das necessidades psicológicas básicas são indicadores relevantes para o bem-estar de atletas de elite e apontam relação significativa com o bem-estar em universitários, principalmente quando diz respeito a satisfação de competência.

Em estudo desenvolvido por Podlog (2015) com esquiadores suécos, as necessidades psicológicas básicas foram analisadas como antecedentes da motivação, e consequente, engajamento entre os jovens atletas. Diante dos resultados o autor concluiu que a relação da satisfação das necessidades psicológicas básicas com a motivação autônoma e engajamento pareceu garantir que esquiadores se sentissem autônomos, competentes e mantivessem bom engajamento esportivo.

Na pesquisa de Stenling, Lindwall e Hassmén (2015) com jovens atletas suecos, objetivou-se investigar o suporte de autonomia do treinador na percepção dos atletas, o bem-estar e as necessidades psicológicas básicas. Frente às análises, foi constatado que a autonomia oferecida aos atletas por seus treinadores esteve positivamente relacionada à satisfação das necessidades psicológicas básicas e bem-estar dos atletas. Seguindo a mesma linha de investigação, Reynolds e McDonough (2015) examinaram em atletas de futebol feminino, o efeito do suporte de autonomia do técnico sobre a motivação mediada pela satisfação das necessidades psicológicas básicas. Os resultados evidenciaram que o baixo suporte de autonomia do técnico pode comprometer a satisfação das necessidades psicológicas básicas e a motivação em atletas, uma vez que um menor apoio de autonomia do técnico prevê baixa satisfação e maior amotivação dos atletas.

Em estudo recente desenvolvido por Jowett et al., (2016) os pesquisadores buscaram avaliar as associações entre perfeccionismo, engajamento do atleta e burnout, mediadas pelas necessidades psicológicas básicas. As análises revelaram associações entre as variáveis do estudo, concluindo que a TAD pode explicar tais associações por meio da satisfação das necessidades psicológicas básicas e que os esforços perfeccionistas mediados pelas necessidades psicológicas básicas podem apoiar o envolvimento psicológico dos atletas no esporte.

Em âmbito nacional, são observados diversos estudos que avaliaram a motivação em diferentes contextos, escolar (PERES; MARCINKOWSKI, 2012; NASCIMENTO; GRESS, 2013; PIZANI et al., 2015) universitário (COSTA et al., 2015) e esportivo (MIZOGUCHI; BALBIM; VIEIRA, 2013; VOSER, et al., 2014; BORGES et al., 2015; OLIVEIRA et al., 2015; PINTO; COSTA, 2015; VOSER; MOREIRA; VOSER, 2016), afirmando que o contexto em que o indivíduo está inserido reflete na motivação e que o grau de motivação está relacionado com o desempenho nas atividades realizadas nos referidos contextos. No entanto, até a

extensão do que se pode pesquisar, não foram encontrados estudos que avaliaram a motivação na perspectiva da subteoria das necessidades psicológicas básicas, incluindo nesses estudos a avaliação da satisfação de competência, relacionamento e autonomia dos atletas no esporte. Este fato pode ser atribuído à recente validação das escalas de Necessidades Psicológicas Básicas para o Exercício (COSTA, 2015) e Escala de Satisfação das Necessidades Psicológicas Básicas para o esporte (NASCIMENTO JUNIOR, 2017 – “in press”).

Diante deste cenário, ressalta-se a necessidade de explorar a subteoria das Necessidades Psicológicas Básicas (TAD), principalmente quando se refere ao envolvimento de jovens atletas no contexto esportivo. É importante reforçar que a motivação dos atletas é de extrema importância para sua manutenção e permanência no esporte em busca do alto rendimento e bem-estar, sendo assim, é necessário investigar os fatores que contribuem para a satisfação das necessidades de autonomia, relacionamento e competência dos jovens atletas, contribuindo para ações mais efetivas dos mediadores do desenvolvimento dos jovens, como treinadores, professores e familiares.

3.2 Relacionamento Treinador-Atleta no contexto esportivo

Os treinadores ou técnicos esportivos são vistos como figuras significativas na carreira esportiva dos atletas. Considera-se que suas competências, conhecimentos, experiências e habilidades são fundamentais para o atendimento às necessidades de seus atletas, contribuindo para seu desenvolvimento e crescimento no esporte e como seres humanos (JOWETT, 2005; JOWETT; POZWARDOWSKI, 2007).

Pesquisas apontam que juntamente com pais, irmãos e colegas, os treinadores são indivíduos essenciais que formam uma rede social complexa e por sua vez podem influenciar as experiências de jovens atletas dentro do contexto esportivo (WEISS; SMITH, 2002). A partir dessa perspectiva, um dos pontos de maior interesse dos estudiosos tem sido as relações sociais entre treinadores e atletas, uma vez que considera-se a figura do treinador como personagem de suma importância para o desempenho do atleta no esporte, bem como para o desenvolvimento pessoal e social (LAFRENIÈRE; JOWETT; VALLERAND, 2011; DAVIS; JOWETT; LAFRENIÈRE, 2013).

Ressalta-se que, tradicionalmente, os estudos têm sido analisados por meio da Teoria da Liderança Transformacional (CHELLADURAI, 1990), cujo enfoque é voltado apenas na figura do treinador e seus comportamentos como elementos essenciais para um bom relacionamento com seus atletas (JOWETT; LAVALLEE, 2007). Estudos mais recentes (ROTTENSTEINER; KONTTINEN; LAAKSO, 2015; NICHOLLS; PERRY, 2016) buscaram avaliar não só o treinador como o elemento responsável para um relacionamento ideal com sua equipe, e ressaltaram que um bom relacionamento envolve a figura do treinador e do atleta caracterizando um relacionamento bilateral. Neste sentido, a literatura tem ressaltado a dinâmica do relacionamento treinador-atleta, a qual leva em consideração não só o comportamento de treinadores, mas também os aspectos afetivos e cognitivos dos sujeitos atuantes no contexto esportivo, em busca de verificar como a relação se desenvolve neste contexto (JOWETT; POCZWARDOWSKI, 2007).

Algumas abordagens foram desenvolvidas ao longo das últimas décadas, apontando aspectos sobre o relacionamento treinador-atleta tendo como base a Teoria Interpessoal (WILLEMAN, 2000; POCZWARDOWSKI et al., 2002), Teoria Relacional-Cultural (LAVOI'S, 2004) e Teoria da Interdependência (JOWETT et al, 2005). O modelo desenvolvido por Wylleman (2000) tem enfoque nos comportamentos apresentados pelos treinadores e atletas, classificados por atitudes positivas ou negativas, posição de poder ou fraqueza na relação (dominância/submissão) e dimensão emocional (papeis sociais na relação). Essa abordagem considera que comportamentos complementares entre atletas e treinadores atraem outros comportamentos recíprocos (JOWETT; POCZWARDOWSKI, 2007).

Poczwardowski et al. (2002) concentraram suas investigações em pesquisas qualitativas, a fim de identificar possíveis processos e fatores contextuais que podem influenciar o relacionamento treinador-atleta. Em suas pesquisas eram considerados fatores como os traços de personalidade, necessidades, fatores interpessoais, atitudes e comportamentos. Já o modelo de Lavois (2004), oferece uma visão das relações interpessoais sendo promovido pelas participações e conexões estabelecidas entre as pessoas e salienta que em caso de privações, há a probabilidade de emergir maus ajustamentos e outros problemas emocionais.

No entanto, pesquisadores têm demonstrado maior interesse para o estudo do relacionamento treinador-atleta baseado no modelo desenvolvido por Jowett et al.

(2005) se apresentando como a perspectiva mais atual. De acordo com este modelo o relacionamento treinador-atleta é definido como relação com uma situação dinâmica em que aspectos cognitivos (pensamentos), comportamentais e afetivos (sentimentos) de treinadores e atletas se relacionam de forma independente (JOWETT; POCZWARDOWSKI, 2007). Esta relação é considerada dinâmica e pode ser vista como um estado, que vai depender da interação dos sujeitos envolvidos e de como a interdependência entre eles é vivenciada (JOWETT; POCZWARDOWSKI, 2007).

O modelo é constituído a partir dos 3C's+1C, denominados *Closeness*, *Commintment*, *Complementarity* e *Co-orientation*. Nesse sentido, *Closeness* se refere ao componente afetivo “proximidade”, que se diz respeito a formação de laços afetivos, contendo propriedades como gostar, confiar e respeitar um ao outro, além de ter o sentimento de carinho, apoio emocional e apreciação entre treinadores e atletas. Este componente é apontado como o alicerce da relação que deve existir entre treinadores e seus respectivos atletas no decorrer da carreira esportiva. *Commintment* se refere ao componente cognitivo “comprometimento” que está diretamente ligada às intenções dos treinadores e atletas em manter as relações por mais tempo. Esta relação é considerada importante, uma vez que demanda tempo para desenvolver habilidades e atingir o sucesso esportivo (JOWETT et al., 2005).

O componente *Complementarity* é o referente comportamental “complementaridade” refletindo no grau de interação e cooperação entre treinadores e atletas, que é operacionalizado como o tipo de interação que promove um senso de trabalho em equipe, de ajuda mútua e colaboração.

E por último *Co-orientation* (co-orientação) é correspondente a interesses e objetivos, que é facilitada por meio de uma comunicação aberta incluindo o diálogo, a negociação e tomada de decisão. Levando em consideração esses componentes, parece ficar evidente a presença de altos níveis de proximidade, comprometimento e complementaridade nas percepções de atletas e treinadores indicam um relacionamento de qualidade, por outro lado níveis médios e baixos podem indicar desinteresse ou insatisfação.

Tais componentes estão inseridos no Modelo Integrado do estudo da relação treinador-atleta (JOWETT; POCZWARDOWSKI, 2007) abordando alguns aspectos que podem influenciar o relacionamento entre treinadores e atletas. No modelo são apresentados fatores antecedentes que diz respeito as características individuais do

treinador e do atleta (idade, personalidade, tempo de experiência no esporte, sexo, costumes), que por sua vez podem causar influência nos componentes de proximidade, comprometimento e complementaridade que ambos vão estabelecer no percurso do relacionamento. Por conseguinte, os fatores referentes à proximidade, comprometimento e complementaridade vão implicar de forma significativa nos resultados intrapessoais (satisfação, motivação, afeto positivo ou negativo, desempenho esportivo), interpessoais (satisfação com a relação, conflitos, estabilidade e manutenção) e nos resultados de grupo (coesão da equipe, clareza ou ambigüidade de papéis, popularidade, aceitação social).

Pesquisa utilizando de diferentes metodologias e bases teóricas apontaram que a qualidade das relações entre treinadores e atletas, sendo ela profissional e pessoal, pode influenciar no desenvolvimento e crescimento dos atletas (JOWETT; COCKERILL, 2003). De forma geral, uma relação apropriada entre treinador e atleta é capaz de promover não só as competências do atleta em termos de melhorias de desempenho (por exemplo, quebrar recordes pessoais e ganhar medalhas), mas também as habilidades do atleta em termos de desenvolvimento pessoal e social (por exemplo, se sentir satisfeito, digno e autossuficiente).

A literatura internacional tem destacado estudos acerca da investigação do relacionamento treinador-atleta no contexto esportivo. Tais estudos buscaram investigar as associações do relacionamento treinador-atleta com paixão para treinar e felicidade (LAFRENIERE et al., 2011); eficácia coletiva (HAMPSON; JOWETT, 2014); clima motivacional (ROTTENSTEINER; KONTTINEN; LAAKSO, 2015); estratégia de *coping* (NICHOLLS; PERRY, 2016) e *burnout* (ISOARD-GAUTHEUR et al., 2016).

Lafreniere et al. (2011), analisaram técnicos e atletas das modalidades de voleibol, futebol e ginástica com o objetivo de investigar a paixão para treinar em treinadores e sua relação com a percepção do relacionamento treinador atleta e a felicidade dos atletas. Os resultados apontaram que a paixão harmoniosa por treinar por parte dos técnicos prévio positivamente a qualidade do relacionamento treinador atleta na percepção dos atletas, por outro lado a paixão obsessiva não esteve relacionada com boas relações. E ainda, que uma alta percepção da qualidade do relacionamento treinador-atleta estava diretamente ligada à atletas mais felizes. Em outro estudo com futebolistas britânicos (HAMPSON; JOWETT, 2014), foi analisado o efeito do relacionamento treinador-atleta na eficácia coletiva da equipe. As

análises indicaram que tanto os comportamentos dos treinadores como a relação treinador-atleta estiveram ligados às percepções dos atletas de eficácia coletiva.

Davis e Jowett (2014) investigaram possíveis associações entre o relacionamento treinador-atleta com os estilos de vinculação e bem-estar em atletas de modalidades coletivas e individuais. Com este estudo concluíram que atletas seguros, que se sentem confortáveis estão propensos a experimentar menos conflitos interpessoais e valorizam a importância do relacionamento treinador-atleta. No estudo de Rottensteiner, Konttinen e Laakso (2015) com jovens atletas de ambos os sexos praticantes de soccer americano, hóquei no gelo e basquete, o objetivo foi examinar as ligações entre o relacionamento treinador-atleta e o clima motivacional. Os resultados apontaram fortes associações entre as dimensões da relação treinador atleta com clima de motivação, resultado este que apoia as evidências de que o relacionamento entre treinadores e atletas pode ter uma influência importante sobre a participação de jovens atletas no esporte.

Estudos recentes como de Nicholls et al. (2016) e Isoard-Gauthier et al., (2016), buscaram investigar o relacionamento treinador-atleta com variáveis psicológicas de estratégia de *coping* e *burnout*. No primeiro estudo, realizado com a participação de treinadores e atletas amadores, semiprofissional e profissional de modalidades individuais, os autores concluíram que a qualidade do relacionamento treinador atleta teve pouco impacto sobre a estratégia de *coping* para os atletas, porém para os treinadores o papel mediador da relação treinador-atleta teve papel importante (NICHOLLS; PERRY, 2016). No segundo estudo de Isoard-Gauthier et al. (2016) em que participaram atletas de níveis de competição regional nacional e internacional, foi ressaltada a importância do relacionamento treinador-atleta a fim de evitar o *burnout* em atletas. Ainda, os resultados evidenciaram que a proximidade do atleta com seu treinador pode levar a baixos sentimentos de exaustão e que ao se sentir ligado ao seu treinador (compromisso), os atletas conseguem modificar seus esforços a fim de evitar excesso de treinamento.

Na literatura nacional, observa-se que os estudos que abordam a investigação do relacionamento entre treinadores e atletas se concentram ainda na investigação dos comportamentos dos treinadores com enfoque na Teoria Transformacional de Liderança (NASCIMENTO JUNIOR; VIEIRA, 2012; DELL' ANTONIO; BARROSO, 2014; ARDUA; MÁRQUEZ, 2015), apontando que a postura do treinador pode influenciar o relacionamento com seus atletas. Recentemente o estudo de Vieira et

al., (2016) teve objetivo de investigar o impacto da relação treinador-atleta sobre a eficácia coletiva de jovens jogadores de voleibol. Como resultado foi possível concluir que o relacionamento treinador-atleta é um fator importante que pode influenciar a percepção de eficácia coletiva em atletas de voleibol.

Diante da escassez de estudos na literatura nacional, depara-se com necessidade de maiores investigações acerca da referida temática, a fim de contribuir com a expansão de pesquisas no contexto esportivo que abordem o relacionamento treinador atleta. Ressalta-se ainda, a importância da investigação dessa variável no contexto esportivo brasileiro, com o intuito de contribuir e enriquecer o conhecimento dos profissionais da área do esporte, principalmente os técnicos/treinadores, para que tenham respaldo e informações que possam contribuir com sua atuação no meio esportivo.

3.3 Desenvolvimento positivo e experiências positivas de Jovens no esporte

Pesquisas atuais com enfoque na Psicologia Positiva apontam a necessidade de enfatizar as virtudes do ser humano, como forma de proporcionar seu desenvolvimento (CATALANO, 2004; SELIGMAN, 2011; FRANCO, 2014). Nesta perspectiva surgiu, em meados da década de 1990 nos Estados Unidos a Abordagem do Desenvolvimento Positivo de Jovens (DPJ), que se revelou como um promissor campo de investigação e intervenção na promoção do desenvolvimento dos jovens (HOLT; NEELY, 2011). O objetivo da Abordagem da DPJ é propagar que a juventude apresenta inúmeros recursos a serem desenvolvidos, cabendo à sociedade o papel de promover oportunidades para que este processo ocorra de forma ativa, conscientizando os jovens de seus direitos e deveres perante a comunidade (DAMON, 2004; LERNER et al., 2005).

O estudo dessa temática é crescente na literatura internacional (EIME et al., 2013), com sua aplicação ainda escassa na língua portuguesa (ESPERANÇA et al., 2013), contudo não existe um aprofundamento teórico abrangente sobre o tema. A ausência de um vocabulário específico do DPJ em âmbito internacional, tem sido apontado como o principal obstáculo para a definição e estruturação desta abordagem (CATALANO et al., 2002; LERNER et al., 2005), dessa forma, torna-se necessário conhecer algumas definições da literatura acerca da Abordagem do DPJ.

Para Holt et al. (2012), o DPJ é um termo vasto que abriga diversos aspectos baseados na formação de pontos fortes para a juventude, as quais apresentam uma variedade de termos para identificar seus conceitos. Para Lerner et al. (2005) os indicadores do DPJ destinam-se a capturar elementos emocionais, comportamentais e sociais que visam compreender o desenvolvimento positivo dos jovens. Na mesma perspectiva, o recente estudo de Shek, Sun e Merrick (2013), e Catalano et al. (2002), apresentaram construtos relacionados ao desenvolvimento positivo dos jovens: espiritualidade, crenças no futuro, competência cognitiva, emocional, moral, social e comportamental, auto eficácia, autodeterminação, identidade positiva, envolvimento pró-social, normas pró-sociais, reconhecimento por comportamento positivo, resiliência e conexões.

A partir desses conceitos, e diante da literatura referentes ao DPJ (ECCLES; GOOTMAN, 2002; LERNER, 2004; ROTH; BROOKS-GUNN, 2003), verifica-se que a base teórica que vem sustentando essa abordagem atualmente está estruturada em dois pressupostos fundamentais. O primeiro sustenta que a estrutura do DPJ incorpora 5 características conhecidas pela literatura como 5C's: Competência, Confiança, Conexão, Carácter e Cuidado e atenção (ECCLES; GOOTMAN, 2002; LERNER ET AL., 2005; ROTH; BROOKS-GUNN, 2003). Já o segundo, ampara que o DPJ ocorre especialmente nos contextos em que os jovens estão inseridos (casa, escola e comunidade), a partir do momento em que suas potencialidades estejam de acordo com os recursos necessários para o seu sucesso (LERNER, 2004; LERNER et al., 2005).

Ainda no segundo pressuposto, aponta-se que em todas as instâncias do desenvolvimento humano existem características e fatores que oferecem suporte para o desenvolvimento saudável dos jovens (BENSON et al., 2006), podendo assumir várias formas (pessoas, programas de intervenção e características do meio). Nesse pressuposto fica implícito que as potencialidades dos jovens relacionam-se com as experiências positivas e/ou negativas vivenciadas em cada contexto.

Com base nessas informações, pesquisas sobre o desenvolvimento positivo dos jovens avaliam normalmente as experiências dos adolescentes em atividades comunitárias, extracurriculares e supervisionadas (LARSON, 2000), atividades estas, que acontecem sobre supervisão de um adulto e compreendem alguma estrutura, regras, restrições e metas, que ocorrem em encontros regulares e envolvem mais de

um participante (BUSSERI; ROSE-KRASNOR, 2009; WILSON et al., 2010; RAMEY; ROSE-KRASNOR, 2012). Em meio às diversas atividades estruturadas e supervisionadas, um dos contextos apontados pela literatura internacional atual como fundamentais para o Desenvolvimento Positivo de Jovens é o contexto esportivo (FRASER-THOMAS et al., 2008; ESPERANÇA et al., 2013).

Nesse sentido, o esporte tem sido identificado como uma das atividades extracurriculares mais populares entre os jovens, e trata-se de um ambiente ideal para promover experiências positivas para o DPJ (FRASER-THOMAS et al., 2005; GUÈVREMONT; FINDLAY; KOHEN, 2008). Os aspectos da participação dos jovens nos esportes têm sido positivamente associados à formação do caráter (BREDEMEIER; SHIELDS, 2006; CAMIRE et al., 2010), relações com pares (SMITH et al., 2006), identidade (COATSWORTH; CONROY, 2009), inteligência afetiva (BRUNER; HALL; CÔTÉ, 2011), resistência mental (GUCCIARDI, 2011; JONES; PARKER, 2013) e estabelecimento de metas (TAYLOR; BRUNER, 2012).

Por conseguinte, os achados dos estudos realizados vêm apontando ser este um campo para a produção do saber científico de impacto vinculado à construção do bem-estar e das competências positivas de jovens (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004; MORAIS; KOLLER, 2004; PALUDO; KOLLER, 2007; PASSARELI; SILVA, 2007), o que torna pertinente sua investigação em diferentes culturas e contextos que envolvam jovens. Ainda é possível se deparar com um quadro de escassez de pesquisas internacionais e nacionais que investigam variáveis além das características pessoais dos atletas, sendo estas, a maioria de caráter qualitativo (COAKLEY, 2011). Neste sentido se torna necessário avaliar além das características pessoais, também as relações sociais estabelecidas no ambiente esportivo.

Para tanto, ao considerar esse ambiente, a figura do treinador recebe destaque devido ao seu papel influenciador que pode vir a impactar as experiências esportivas dos atletas (CONROY; COATSWORTH, 2007), uma vez que não é o esporte por si só que influencia o DPJ, mas sim o modo como é estruturado e é apresentado aos jovens (HOLT, 2008). Diante do exposto, considera-se que os treinadores exercem importante papel na vida dos jovens atletas, sendo considerados de extrema importância para a comunidade esportiva (CONROY; COATSWORTH, 2007), uma vez que em ambientes esportivos não construídos cuidadosamente, os participantes

podem experimentar uma variedade de características comportamentais negativas como desordens alimentares, lesões e estresse (MACDONALD et al., 2012).

Ao considerar tais aspectos, o instrumento *Youth Experience Survey for Sport - YES-S* vem sendo utilizado na literatura internacional para avaliação das experiências positivas e negativas, e tem sido o foco de pesquisas sobre experiências na juventude (HANSEN; LARSON, 2005; GOULD; CARSON, 2010; BRUNE; HALL; CÔTÉ, 2011; GUCCIARDI, 2011; MACDONALD et al, 2012). O instrumento foi originalmente desenvolvido para avaliar a participação de jovens em atividades estruturadas diversas (HANSEN, LARSON, 2005), sendo logo adaptado para utilização no contexto esportivo (MACDONALD et al., 2012) e validado recentemente para a língua portuguesa em atletas brasileiros (RIGONI, 2014).

Concomitante à Abordagem do Desenvolvimento Positivo de Jovens, o instrumento psicométrico busca avaliar as experiências positivas, investiga o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais (que são experiências relacionadas a liderança, paciência, percepção de emoções, atitudes para com outras pessoas, fazer amigos, responsabilidades); habilidades cognitivas (relacionadas ao desempenho acadêmico/escolar, busca de informações, criatividade, resistência mental); estabelecimento de metas (busca de objetivos, elaborar planos para o futuro, resolução de problemas, estratégias para superar obstáculos); e iniciativa (que está ligado ao esforço, demanda, atenção, energia em determinada atividade e melhoria de habilidades físicas ou atléticas) (HANSEN; LARSON, 2005; MACDONALD, 2012. RIGONI, 2014).

Dentre as habilidades mencionadas, Larson (2000) destaca que o desenvolvimento da “iniciativa” deve ser o foco primário durante a adolescência, pois, segundo o autor, a iniciativa é definida como a motivação intrínseca que coloca adiante o esforço e atenção para a busca de um objetivo em particular. Ainda, a “iniciativa” será desenvolvida se o ambiente satisfaz as condições de motivação e concentração do jovem na atividade (LARSON, 2000). Deste modo, destaca-se o papel importante do esporte, bem como dos treinadores (MACDONALD et al., 2012). A habilidade de “estabelecimento de metas” também recebe destaque (BURTON; WEISS, 2008) como um componente importante para a juventude se desenvolver, sendo o esporte considerado um ambiente ideal para o desenvolvimento de definição de objetivos. Não menos importantes, as habilidades pessoais e sociais e habilidades cognitivas, são indispensáveis para um bom desenvolvimento e

relacionamento do jovem frente à sociedade (MACDONALD et al., 2012; RIGONI, 2014).

Estudos têm sido realizados com ênfase no contexto esportivo, em busca de investigar o benefício do esporte para os jovens e o seu desenvolvimento em atividades programadas e organizadas. Neste sentido, estudos internacionais têm investigado o desenvolvimento positivo e experiências de jovens relacionando-o com variáveis como eficácia coletiva (CARRERES-PONSODA et al., 2012); resistência mental (JONES; PARKER, 2013); liderança transformacional e sucesso da equipe (VELLA; OADES; CROWE, 2013a; VELLA; OADES; CROWE, 2013b); suporte de autonomia e bem-estar psicológico (CRONIN; ALLEN, 2015); além da adaptação do YES para o contexto esportivo universitário (RATHWELL; YOUNG, 2016).

Na pesquisa desenvolvida por Carreres-Ponsoda et al. (2012), foram avaliados estudantes espanhóis, com objetivo de relacionar e comparar as experiências esportivas e auto-eficácia de jovens praticantes de esportes, esporte combinado com outra atividade, outras atividades (com exceção do esporte) e nenhuma atividade. Como resultados, os autores verificaram que a prática de esporte mais uma atividade organizada adicional está ligada aos mais altos níveis de desenvolvimento positivo de jovens. Em outra pesquisa realizada com atletas de futebol americano, hóquei, rúgbi, badminton e atletismo (JONES; PARKER, 2013) o construto de maior destaque foi a iniciativa, que explicou em 13% a resistência mental de jovens atletas mais velhos. Diante, de tal resultado conclui-se que as experiências de iniciativa são importantes preditores de atributos específicos de fortalecimento mental em jovens atletas.

Outros estudos se preocuparam em investigar fatores de liderança e sua influência no DPJ (VELLA; OADES; CROWE, 2013a; VELLA; OADES; CROWE, 2013b; CRONIN; ALLEN, 2015). Vella, Oades e Crowe (2013a) em um estudo qualitativo com treinadores e jovens atletas de futebol australianos, investigaram o impacto de um programa de treinamento de liderança transformacional para treinadores na percepção dos jovens atletas sobre a liderança transformacional e experiência esportivas. Após o treinamento, concluíram que as experiências mais relacionadas às habilidades cognitivas e estabelecimento de metas dos atletas foram para o grupo experimental. Tal investigação demonstra que as experiências de desenvolvimento positivo de jovens atletas estão associadas com o comportamento de liderança transformacional dos treinadores.

Vella, Oades e Crowe (2013b) além de investigar a relação da liderança transformacional e a relação entre o treinador e atletas com o DPJ, se preocuparam também em analisar a influência do sucesso da equipe na experiência esportiva dos atletas. Diante dos resultados, os autores observaram que o sucesso da equipe não previu o desenvolvimento de experiências positivas. Mas por outro lado, o estudo evidenciou fortes evidências a respeito da influência significativa do treinador para o DPJ. Cronin e Allen (2015) investigaram a relação entre o suporte de autonomia do treinador e as experiências de desenvolvimento e bem-estar psicológico de atletas britânicos, constatando que o apoio técnico de autonomia foi relacionado com as experiências de desenvolvimento de todas variáveis do instrumento (YES). Estes achados reforçam que o apoio técnico de autonomia desempenha um papel importante para garantir o desenvolvimento positivo de jovens atletas. Em estudo atual com atletas canadenses, Rathwell e Young (2016) exploraram as medidas de avaliação positiva no esporte em adultos universitários. Como resultado do estudo ficou evidenciado que o *Youth Experience Scale (YES 2.0)* é um instrumento confiável e com estrutura fatorial válida para medir o desenvolvimento no esporte universitário.

Ao analisar os estudos nacionais (ESPERANÇA et al., 2013; RIZZO; FERREIRA; SOUZA, 2014) sobre o DPJ, nota-se que tais estudos investigam o assunto por meio de estudos de revisão. Esperança et al. (2013), aborda a importância do Desenvolvimento Positivo de Jovens (DPJ) como um conceito e ao mesmo tempo destaca a sua relativa escassez, divulgação e aplicação em contextos desportivos, particularmente em países de língua portuguesa. Neste estudo é destacado que o DPJ é um campo em franco desenvolvimento e muito promissor de jovens felizes, destacando o contexto esportivo como essencial para o desenvolvimento de jovens. Já o estudo realizado por Rizzo, Ferreira e Souza (2014) trata-se de uma pesquisa constituída a partir de uma revisão de literatura em periódicos e autores conceituados na área do DPJ. Como resultados eles apontam que o esporte além de ser um fenômeno social e cultural pode ser considerado também como caminho para o sucesso da juventude, e ressaltam a necessidade do surgimento de outros métodos de pesquisa para analisar o DPJ em contextos que possuem o esporte como elemento de integração.

Diante da escassez de métodos de avaliação para o DPJ, Rigoni, (2014) a partir da validação do *Questionário da Experiência de Jovens no Esporte (YES-S)*

para o contexto esportivo brasileiro, realizou sua pesquisa com jovens atletas brasileiros com o objetivo de investigar o impacto da experiência esportiva positiva, mediada pela motivação, no propósito de vida de jovens atletas brasileiros. No presente estudo ficou em evidencia que a experiência positiva dos jovens no esporte independente de modalidade coletiva ou individual, mediada pela motivação, pode contribuir para o propósito de vida de jovens atletas brasileiros, aumentando os sentimentos de realização existencial.

A partir dos estudos apresentados, depara-se com a necessidade de maiores investigações no contexto esportivo brasileiro, a fim de contribuir com a ampliação e aplicação da temática em jovens atletas. Ressalta-se ainda a importância dos estudos acerca deste tema para que familiares, professores, treinadores e até mesmo dirigentes de equipes e programas esportivos tenham respaldo para que possam oferecer aos atletas atividades organizadas e relacionamentos sociais que visem contribuir para o seu desenvolvimento positivo.

4 MÉTODOS

4.1 Caracterização da pesquisa

O estudo se caracteriza como uma pesquisa de cunho descritivo-correlacional e delineamento transversal (THOMAS; NELSON SILVERMAN, 2012), tendo como objetivo explorar possíveis relações que possam existir entre as variáveis. O estudo das relações entre variáveis é descritivo porque não há a manipulação de variáveis.

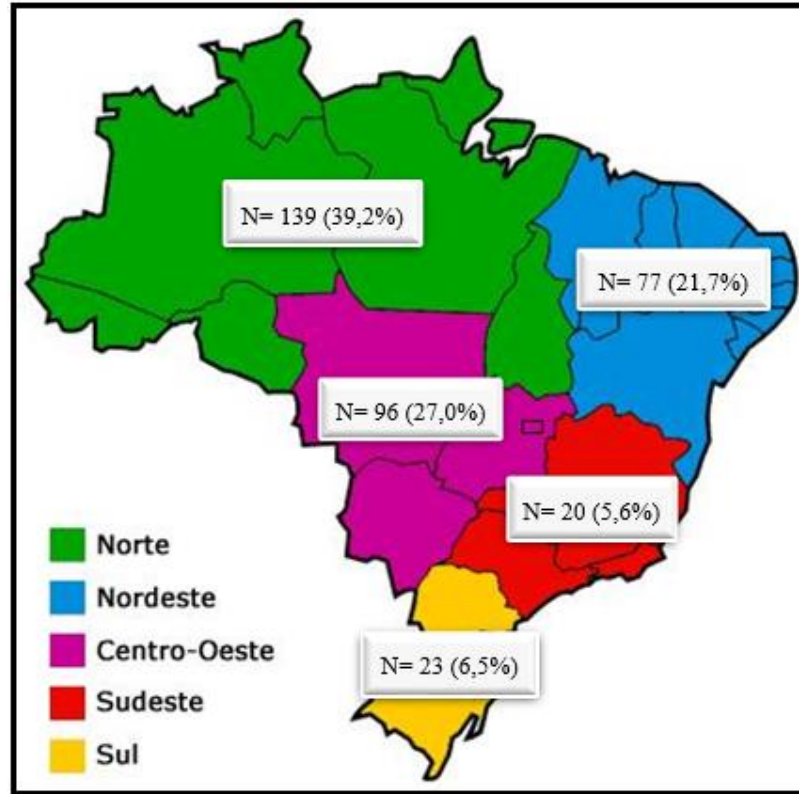
4.2 População Alvo

A população alvo do estudo foi constituída por 3.723 atletas brasileiros participantes da fase final dos Jogos Escolares da Juventude, etapa 15 a 17 anos, no ano de 2015 na cidade de Londrina-PR. Este evento é organizado pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e considerado a maior competição estudantil esportiva do Brasil, envolvendo atletas de todas as regiões do Brasil.

Para seleção da amostra foi realizado o cálculo amostral utilizando a fórmula de amostra finita com nível de confiança de 95%, erro amostral de 5% e proporção esperada de 50% (RICHARDSON et al., 2012), sendo a amostra mínima necessária de 350 atletas. De forma convencional foi feito convite para uma delegação de cada região, para que a amostra tivesse representante de todas as regiões do Brasil. Com o não aceite de algumas delegações em participar da pesquisa, o convite se estendeu para demais delegações com o objetivo de atender à amostra estipulada previamente. Sendo assim, participaram da pesquisa 364 atletas praticantes de modalidades individuais (natação, judô, tênis de mesa, vôlei de praia, ciclismo, xadrez, luta olímpica, ginástica rítmica e atletismo) e coletivas (handebol, voleibol, futsal e basquete). Destes, 9 atletas não responderam de forma completa os questionários e foram excluídos do estudo, totalizando 355 atletas.

A Figura 1 apresenta o número de atletas de acordo com cada região do Brasil.

Figura 1: Representação de participantes de acordo com cada região do Brasil.



A Tabela 1 representa o número de participantes de acordo com sexo, idade, tempo de prática, tipo de modalidade e escola. Foi observado que as maiores proporções de atletas foram do sexo masculino, idade de 16 anos, com tempo de prática menor ou igual a 3 anos, que praticam modalidade coletiva e alunos de escola particular.

Tabela 1 - Caracterização geral de atletas dos Jogos Escolares da Juventude de 2015.

Variável	Frequência Absoluta (n)	Frequência Relativa (%)
Sexo		
Feminino	176	49,6
Masculino	179	50,4
Idade		
15	93	26,2
16	135	38,0
17	127	35,8
Tempo de prática		
≤ 3 anos	131	36,9
3 a 5 anos	123	34,6
≥ 5 anos	101	28,5
Modalidade		
Coletiva	184	51,8
Individual	171	48,2
Região		
Norte	139	39,2
Nordeste	77	21,7
Centro-Oeste	96	27,0
Sul	23	6,5
Sudeste	20	5,6
Escola		
Particular	220	62,0
Pública	135	38,0

4.3 Instrumentos

Para verificar a satisfação das necessidades psicológicas básicas dos atletas foi utilizada a Escala das Necessidades Psicológicas Básicas (BNSS) adaptada e validada para o contexto esportivo brasileiro por Nascimento Junior (2016). A escala validada para o português é composta por 12 itens distribuídos em três subescalas: Competência, Autonomia e Relacionamento. As respostas são dadas numa escala do tipo *likert* de sete pontos, variando num *continuum* de “Não é totalmente verdade” (1) a “Totalmente verdade” (7). O escore de cada subescala é calculado a partir da média do somatório dos itens que a compõem. Valores mais elevados nas subescalas significam maior satisfação das necessidades básicas no domínio em causa (autonomia, competência ou relacionamentos).

A relação treinador-atleta (versão atleta) foi avaliada por meio do Questionário do Relacionamento Treinador-Atleta (CART-Q) – Versão Atleta, validado para o

contexto brasileiro por Vieira et al. (2015). O questionário avalia as percepções do atleta sobre sua relação com o treinador. A escala é constituída por 11 itens distribuídos em três dimensões: Proximidade (Itens 3, 5, 8 e 9), Comprometimento (Itens 1, 2 e 6) e Complementaridade (Itens 4, 7, 10 e 11). As respostas são dadas numa escala tipo *likert* de 7 pontos, num *continuum* de “Discordo totalmente” (1) a “Concordo totalmente” (7). O escore de cada subescala é calculado a partir da média da soma dos itens que a compõem, e para interpretação considera-se uma relação de qualidade, quanto mais elevados forem os valores nas dimensões descritas, maiores serão a proximidade, comprometimento e complementaridade).

Para avaliar as experiências esportivas dos jovens atletas foi utilizado o questionário da Experiência de Jovens no Esporte - YES-S, validada para o contexto esportivo brasileiro por Rigoni (2014). O questionário tem por objetivo avaliar as experiências positivas, sendo composto por 18 itens e possui quatro dimensões: habilidades pessoais e sociais, que avalia o quanto os jovens aprenderam habilidades como ser líder, ajudar os outros, conhecer pessoas da comunidade e como suas emoções afetam os outros no grupo (itens 1 a 6); habilidades cognitivas, dizem respeito a atividades acadêmicas, busca de informações e habilidades criativas (itens 7 a 11); estabelecimento de metas, está relacionado ao quanto o jovem aprendeu maneiras para alcançar seus objetivos e considerar desafios em planos futuros (itens 12 a 15); iniciativa, contempla o esforço, foco de atenção e energia do jovem na atividade (itens 16 a 18). O YES-S apresenta uma escala *Likert* de 1 (de jeito nenhum) a 4 (definitivamente sim) e sua análise é feita mediante a média de cada dimensão. Valores mais elevados nas dimensões significa maior experiência esportiva nos respectivos itens (habilidades cognitivas; estabelecimento de metas, iniciativa e habilidades pessoais e sociais).

4.4 Procedimento de coleta de dados

O presente estudo é integrante do projeto institucional aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá sob parecer nº 1.324.411 (ANEXO D).

As coletas foram realizadas no decorrer do período de competição entre os dias 12 a 21 de novembro de 2015, na cidade de Londrina, Paraná. Para início das coletas foi solicitada autorização dos chefes de delegação e posteriormente dos treinadores das equipes participantes. Os treinadores foram informados sobre o

procedimento da pesquisa, e de sua responsabilidade em assinar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido para menores (APÊNDICE A). Participaram do estudo os atletas que obtiveram a autorização do seu responsável e aceitaram participar voluntariamente da pesquisa.

A aplicação dos questionários foi realizada por duas pesquisadoras previamente treinadas, e ocorreram no Hall de hotel em que as delegações estavam hospedadas e nos locais de competição. O questionário foi aplicado de forma coletiva e o tempo de preenchimento foi entre 15 a 20 minutos.

4.5 Análise de dados

A análise dos dados quantitativos foi realizada no pacote estatístico SPSS versão 20.0 e Amos 20.0. A distribuição dos dados foi verificada por meio do Teste *Kolmogorov Smirnov*. Para caracterização dos participantes do estudo, foi realizada estatística descritiva (frequência e percentual), média e desvio padrão (DP). Foi utilizada também estatística inferencial de comparação e correlação, por meio dos testes U de Mann-Whitney (mediana e intervalo interquartilico), Frideman e coeficientes de correlação *Spearman*, adotando-se nível de confiança de 95% em todas as análises. Os pontos de cortes adotados para correlação foram: de 0,00 a +0,20 ou 0,00 a -0,20 = Muito fraco; +0,21 a +0,40 ou -0,21 a -0,40 = Fraco; +0,41 a +0,60 ou -0,41 a -0,60 = Moderado; +0,61 a +0,80 ou -0,61 a -0,80 = Forte e +0,81 a +1,00 ou -0,81 a -1,00 = Muito forte (DANCEY; REIDY, 2012).

A análise principal do impacto das necessidades psicológicas básicas mediadas pelo relacionamento treinador-atleta nas experiências esportivas, foi realizada no software Amos versão 22.0, envolvendo a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) e a Modelagem de Equações Estruturais (MEE). O método de Modelagem de Equações Estruturais (MEE) refere-se à interpretação de uma série de relações hipotéticas, e vem sendo utilizado para compreender as relações entre diversas características psicológicas no contexto esportivo (AMIOT; GAUDREAU; BLANCHARD, 2004; NTOUMANIS; STANDAGE, 2009; LEE et al., 2010). Este método (MEE) foi utilizado para testar as hipóteses descritas pelo modelo conceitual, com objetivo de verificar como o relacionamento treinador-atleta media a relação entre a satisfação das necessidades psicológicas básicas e a experiência esportiva positiva de jovens atletas. Nesse sentido, foi teorizada a existência de três variáveis latentes de 2ª ordem (satisfação das necessidades psicológicas básicas – NPB,

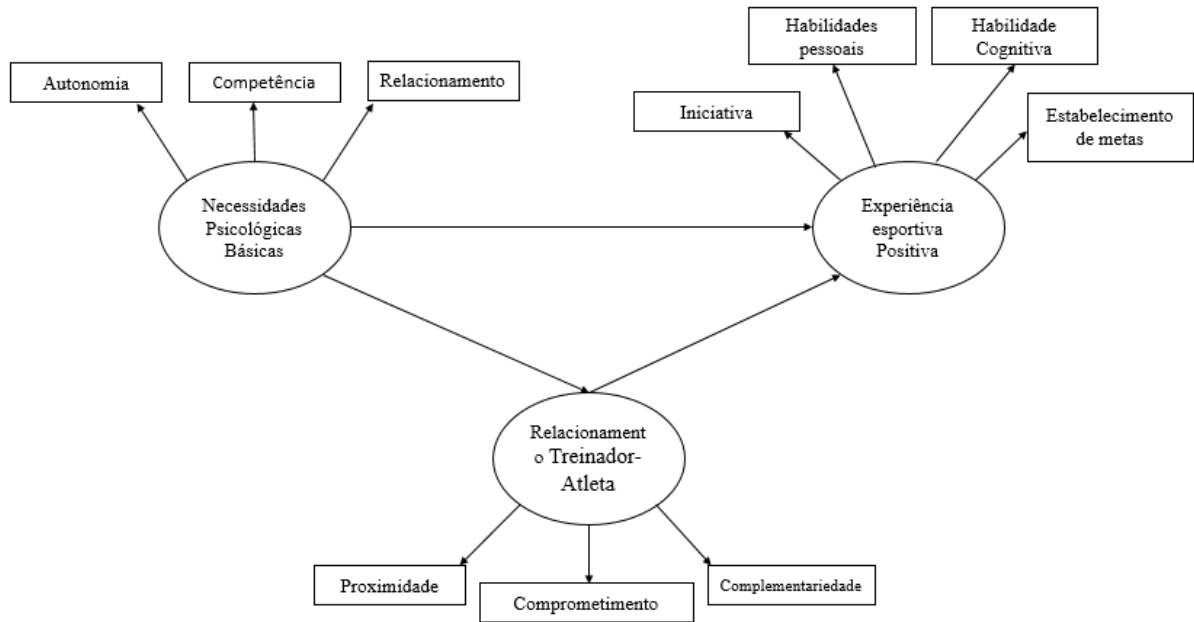
relacionamento treinador-atleta-RTA e experiência esportiva – EE, que foram formadas a partir de suas respectivas variáveis observadas NPB (autonomia, competência e relacionamento; RTA (comprometimento, proximidade e complementaridade); EE (habilidades cognitivas, habilidades pessoais, iniciativa e estabelecimento de metas).

O modelo estrutural foi testado a partir do método de duas etapas (*two-step*). Esse procedimento prevê a adequação das variáveis de medida antes das análises estruturais, permitindo definir a estratégia de identificação do modelo causal com variáveis latentes em duas etapas: A Etapa 1 visa especificar e identificar o submodelo de medida, realizando uma análise fatorial confirmatória (AFC) do modelo de medida. A Etapa 2 tem por objetivo especificar e identificar o submodelo estrutural, estabelecendo trajetórias e erros para as variáveis latentes endógenas (MARÔCO, 2010). De acordo com o autor, as regras “duas etapas” (*two-step*) não são necessárias, mas são suficientes para assegurar a identificação do modelo.

A qualidade do ajustamento do modelo de medida (Etapa 1) foi realizada de acordo com os índices de qualidade de ajustamento (incremental, absoluto e parcimonioso) e a qualidade do ajustamento local foi avaliada pelas cargas fatoriais e pela confiabilidade individual dos itens. Foi utilizado o método de estimação de Máxima Verossimilhança, empregado quando a matriz de covariância apresenta distribuição multivariada normal. Os indicadores de adequação do modelo (Ajustes Absoluto, Incremental e Parcimonioso) foram o χ^2 (Qui-quadrado) o χ^2 / gl ; o RMSEA (Raiz do Erro Quadrático Médio de Aproximação-inferior a 0,08, STEIGER, 2007); GFI/AGFI (Índice de Qualidade de Ajuste/Índice de Qualidade de Ajuste Calibrado-0,90 é considerado uma adequação aceitável); CFI (Índice de Ajuste Comparativo, mínimo de 0,90, (HU; BENTLER, 1999); TLI/NFI (Índice Tucker-Lewis e Índice de Ajuste Normalizado, mínimo de 0,90) e AIC/BIC/MECVI (Critério de Informação Aikike/Critério de Informação Bayesiano/Índice de Validação Cruzada Esperada), menores valores indicam melhor ajuste do modelo em comparação aos demais (SCHERMELLEH-ENGEL; MOOSBURGGER; MULLER, 2003; MARÔCO, 2010).

Após a validação do modelo de medida, foi testado o modelo estrutural (Etapa 2) do impacto mediador do relacionamento treinador-atleta na satisfação das necessidades psicológicas básicas e satisfação atlética de treinadores e jovens atletas brasileiros (Figura 2).

Figura 2 - Modelo hipotético do impacto das necessidades psicológicas básicas mediado pelo relacionamento treinador-atleta na experiência esportiva de jovens atletas brasileiros.



5 RESULTADOS

5.1 Relacionamento Treinador-Atleta, Necessidades Psicológicas básicas e Experiências Esportivas Positivas.

Ao analisar as dimensões da qualidade do relacionamento treinador-atleta, necessidades psicológicas básicas e experiências esportivas (Tabela 2), foi observado que os atletas apresentaram maiores percepções de proximidade (Md=6,75) para o relacionamento treinador atleta seguido de complementaridade (Md=6,50). Para as necessidades psicológicas básicas notou-se maiores medianas para a satisfação das necessidades de autonomia (Md=6,80) e relacionamento (Md=6,67), enquanto que para experiências esportivas a dimensão que mais se destacou foi de iniciativa (Md=4,00), seguida de estabelecimento de metas (Md=3,75).

Tabela 2 - Qualidade do relacionamento treinador-atleta, nível das necessidades psicológicas básicas e experiências esportivas de jovens atletas brasileiros.

Variáveis	Md (Q1;Q3)
Relacionamento Treinador-Atleta	
1 Comprometimento	6,00 (5,00; 6,67) ^{a/b}
2 Complementaridade	6,50 (6,00; 7,00) ^{a/c}
3 Proximidade	6,75 (6,50;7,00) ^{b/c}
Necessidades Psicológicas Básicas	
1 Autonomia	6,80 (6,20; 7,00) ^{a/b}
2 Relacionamento	6,67 (6,00; 7,00) ^{a/c}
3 Competência	6,25 (5,50; 6,75) ^{b/c}
Experiências Esportivas	
1 Habilidades pessoais e sociais	3,50 (3,17; 3,83) ^{a/b/c}
2 Habilidades Cognitivas	3,40 (3,00; 3,60) ^{a/d/e}
3 Estabelecimento de Metas	3,75 (3,50; 4,00) ^{b/d/f}
4 Iniciativa	4,00 (3,67; 4,00) ^{c/e/f}

Nota: **RTA**: a) 1 e 2 (p=0,004); b) 1 e 3 (p=0,001); c) 2 e 3 (p=0,001); **NPB**: a) 1 e 2 (p=0,002); b) 1 e 3 (p=0,001); c) 2 e 3 (p=0,001); **YES**: a)1 e 2 (p=0,001); b)1 e 3 p=0,001; c) 1 e 4= (p=0,001) d) 2 e 3 (p=0,001); e) 2 e 4 (p=0,001); f) 3 e 4 p=0,001).

*Diferença significativa (p<0,05)

Ainda, na Tabela 2 são apresentadas as comparações entre as dimensões de cada variável do estudo. Na qualidade do relacionamento treinador-atleta foram encontradas diferenças significativas (p<0,05) entre todas as dimensões, com destaque para a dimensão proximidade. Para as necessidades psicológicas

básicas foram encontradas diferenças significativas entre todos os domínios com valores maiores para autonomia. Também foram verificadas diferenças ($p < 0,05$) entre as dimensões de experiências esportivas, com destaque para a dimensão de iniciativa.

Ao comparar as variáveis em função do tipo de modalidade (Tabela 3), houve diferença significativa na percepção da qualidade do relacionamento treinador atleta ($p = 0,032$), em que atletas praticantes de modalidades coletivas mostraram maiores valores para percepção de complementariedade com seus treinadores. Em se tratando das necessidades psicológicas básicas, os atletas de modalidades individuais demonstraram maiores percepções para satisfação das necessidades de competência ($p = 0,002$). Em relação às experiências esportivas, observou-se que os atletas praticantes de modalidades coletivas ($p = 0,017$) apresentaram maiores valores para as habilidades pessoais e sociais.

Tabela 3 - Comparação da percepção da qualidade do relacionamento treinador atleta, da satisfação das necessidades psicológicas básicas e das experiências esportivas em jovens atletas brasileiros em função da modalidade.

Variáveis	Individual	Coletivo	P
	Md (Q1;Q3)	Md (Q1;Q3)	
Relacionamento Treinador-Atleta			
Proximidade	6,75 (6,50; 7,00)	6,75 (6,50; 7,00)	0,243
Comprometimento	6,00 (5,00; 6,67)	6,00 (5,33; 6,67)	0,090
Complementariedade	6,50 (5,75; 6,75)	6,50 (6,00; 7,00)	0,032*
Necessidades Psicológicas			
Autonomia	6,80 (3,40; 7,00)	6,80 (6,20; 7,00)	0,233
Relacionamento	6,67 (6,00; 7,00)	6,67 (6,00; 7,00)	0,982
Competência	6,25 (5,75; 6,75)	6,00 (5,25; 6,75)	0,002*
Experiências Esportivas			
Habilidades pessoais e sociais	3,50 (3,17; 3,67)	3,50 (3,17; 3,83)	0,017*
Habilidades Cognitivas	3,40 (3,00; 3,60)	3,40 (2,85; 3,60)	0,438
Estabelecimento de Metas	3,75 (3,50; 4,00)	3,75 (3,25; 4,00)	0,092
Iniciativa	4,00 (3,67; 4,00)	4,00 (3,67; 4,00)	0,685

*Diferença significativa ($p < 0,05$)

Quando comparadas as variáveis em função do sexo (Tabela 4), foram identificadas diferenças significativas ($p = 0,001$) para o relacionamento treinador-atleta, destacando maior percepção de proximidade para o sexo feminino com seus treinadores (Md=7,00). Para as necessidades psicológicas básicas, maiores valores

na dimensão de satisfação de competência foram observados para o sexo masculino (Md=6,25). Nas experiências esportivas verificou-se diferença significativa na dimensão habilidades cognitivas ($p = 0,044$), com valores superiores para o sexo feminino (Md=3,40).

Tabela 4 - Comparação da percepção da qualidade do relacionamento treinador atleta, da satisfação das necessidades psicológicas básicas e das experiências esportivas em jovens atletas brasileiros em função do sexo.

Variáveis	Feminino	Masculino	p
	Md (Q1;Q3)	Md (Q1;Q3)	
Relacionamento Treinador-Atleta			
Proximidade	7,00 (6,50; 7,00)	6,75 (6,25; 7,00)	0,001*
Comprometimento	6,00 (5,33 6,67)	6,00 (5,00; 6,67)	0,356
Complementariedade	6,50 (6,00; 7,00)	5,75 (6,50 (6,75)	0,093
Necessidades Psicológicas			
Autonomia	6,80 (6,20; 7,00)	6,80 (6,20; 7,00)	0,398
Relacionamento	6,67 (5,67; 7,00)	6,67 (6,00; 7,00)	0,870
Competência	6,00 (5,25; 6,50)	6,25 (6,25; 6,75)	0,002*
Experiências Esportivas			
Habilidades pessoais e sociais	3,50 (3,17; 3,67)	3,50 (3,17; 3,83)	0,922
Habilidades Cognitivas	3,40 (3,00; 3,75)	3,20 (2,80; 3,60)	0,044*
Estabelecimento de Metas	3,75 (3,50; 4,00)	3,75 (3,50; 4,00)	0,590
Iniciativa	3,67 (4,00; 4,00)	4,00 (3,67; 4,00)	0,805

Nas análises de correlação entre as variáveis analisando a amostra total de atletas do estudo (Tabela 5), foram encontradas correlações significativas ($p < 0,05$), positivas e fracas ($r < 0,40$). Todas as dimensões do relacionamento treinador atleta demonstraram correlações positivas com as necessidades psicológicas básicas de relacionamento ($0,22 < r < 0,28$) e autonomia ($r=0,28$; $r=0,35$; $r= 0,35$). Foram encontradas correlações positivas entre proximidade com as experiências esportivas de iniciativa e estabelecimento de metas ($r=0,25$); complementariedade e iniciativa ($r=0,20$) e comprometimento com todas as dimensões de experiências esportivas ($r=0,22$; $r=0,25$; $r=0,25$; $r=0,24$). Quanto às necessidades psicológicas básicas, a dimensão relacionamento demonstrou correlação positiva com as habilidades pessoais e sociais ($r=0,22$) e habilidades cognitivas ($r=0,26$). Já a autonomia esteve relacionada com habilidades pessoais e sociais ($r=0,20$), iniciativa ($r=0,25$) e estabelecimento de metas ($r=0,21$).

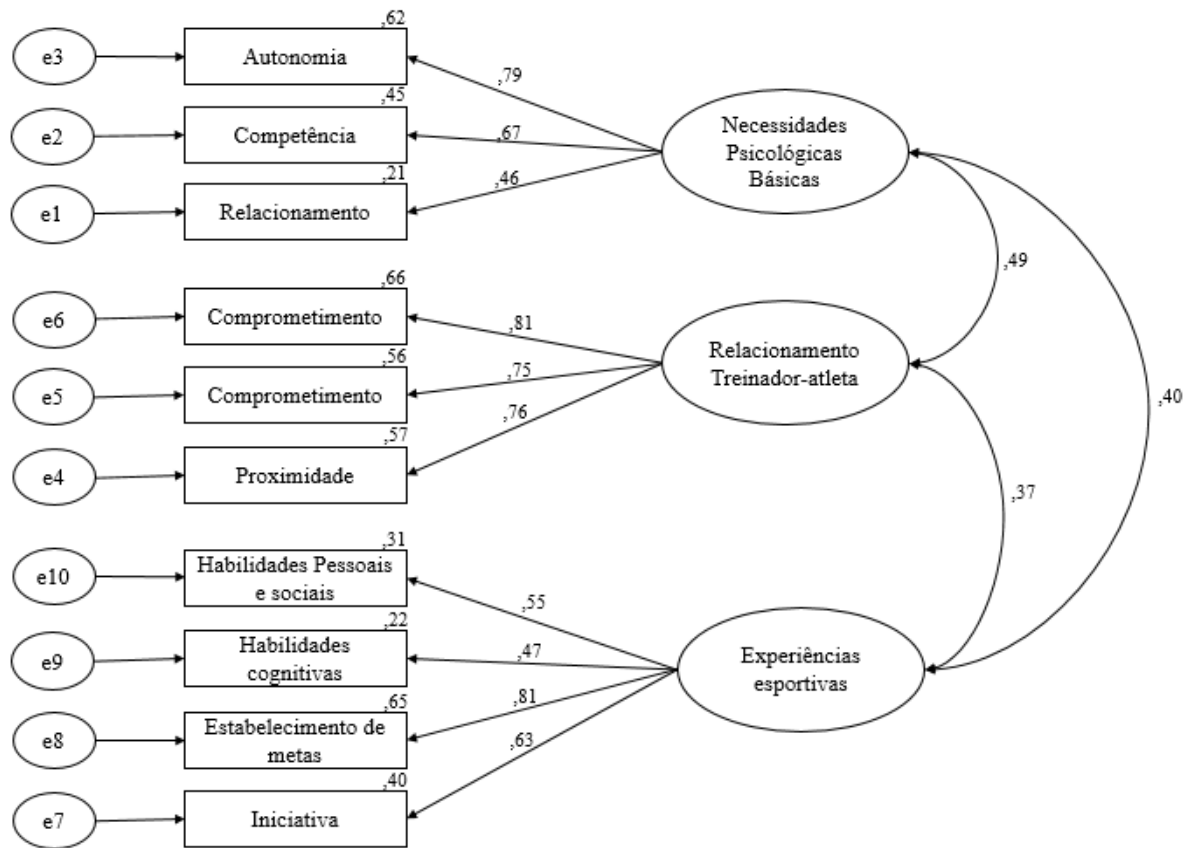
Tabela 5 - Correlação entre o relacionamento treinador atleta, necessidades psicológicas básicas e as experiências esportivas em jovens atletas brasileiros.

<i>Dimensões</i>	Relacionamento treinador atleta			Necessidades psicológicas básicas			Experiências esportivas positivas			
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1- Proximidade		0,53*	0,52*	0,24*	0,03	0,28*	0,15	0,13	0,25*	0,25*
2- Complementariedade			0,58*	0,22*	0,02	0,35*	0,17	0,16	0,20*	0,18
3- Comprometimento				0,28*	-0,02	0,35*	0,22*	0,25*	0,25*	0,24*
4- Relacionamento					-0,00	0,30*	0,22*	0,26*	0,10	0,13
5- Competência						0,05	0,08	0,03	0,12	0,05
6- Autonomia							0,20*	0,19	0,25*	0,21*
7- Habilidades pessoais e sociais								0,32*	0,31*	0,47*
8- Habilidades cognitivas									0,22*	0,30*
9- Iniciativa										0,45*
10- Estabelecimento de metas										

5.2 Impacto das Necessidades Psicológicas básicas mediada pelo Relacionamento Treinador-Atleta nas Experiências Esportivas

Inicialmente, foi testado um modelo de medida (Figura 2) de três fatores (Etapa 1 do MEE) verificando as relações das variáveis observadas nos seus respectivos fatores por meio da AFC. O modelo de medidas das variáveis latentes apresentou índices de ajustamento aceitável [$X^2(32) = 92,79$; $p = 0,001$; $X^2/df = 2,90$; CFI = 0,94; GFI = 0,95; AGFI = 0,92; NFI = 0,91; TLI = 0,91; RMSEA = 0,07; $p(\text{rmsea} \leq 0,05) = 0,014$; AIC = 138,788; BIC = 227,847; MECVI = 0,40], a qualidade do ajustamento local e a confiabilidade interna dos itens também foi confirmada, uma vez que a maioria das trajetórias apresentaram cargas fatoriais significativas próximas ou maiores que 0,50. Estes resultados confirmam o modelo latente e permitem o teste do modelo de equações estruturais (Etapa 2).

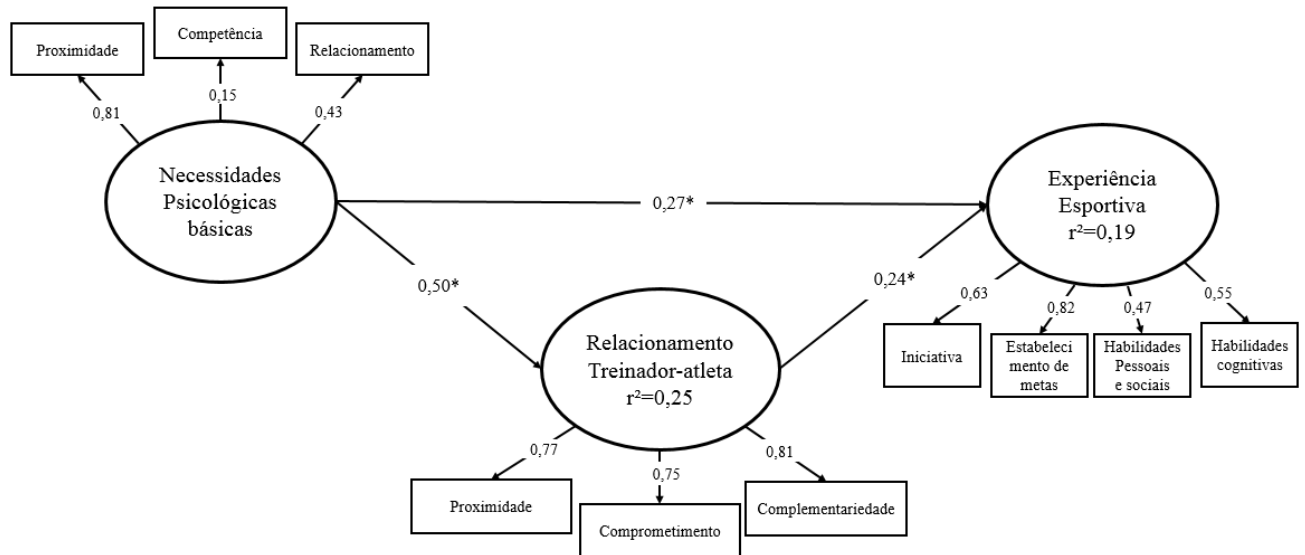
Figura 3 - Modelo de medida.



Modelo de Equações estruturais (MEE)

Após analisar e confirmar a estrutura fatorial do modelo de medida (Etapa 1), procedeu-se à análise do modelo estrutural hipotetizado (Figura 3), apresentando índices de ajustes satisfatório [$\chi^2(32) = 74,13$; $p = 0,001$; $\chi^2/df = 2,32$; CFI = 0,95; GFI = 0,96; AGFI = 0,93; NFI = 0,91; TLI = 0,93; RMSEA = 0,61; $p(\text{rmsea} \leq 0,05) = 0,015$; AIC = 120,125; BIC = 209,184; MECVI = 0,34]. O modelo hipotético foi construído com base nas teorias e abordagens referente as variáveis em questão e apresentou trajetórias significativas ($p < 0,05$), pequena variação de erros e justificativa teórica.

Figura 4 - Modelo estrutural do impacto das necessidades psicológicas básicas mediada pelo relacionamento treinador-atleta na experiência esportiva de jovens atletas brasileiros.



O MEE (Figura 3) apresenta relações hipotéticas de causa-efeito entre variáveis de Experiência Esportiva (EE), Relacionamento Treinador-Atleta (RTA) e Necessidades Psicológicas Básicas (NPB), sendo essas relações descritas pelos efeitos diretos e indiretos. A variável latente EE é explicada em 19% pelo modelo estrutural (NPB+RTA), enquanto o RTA é explicado em 25% pela NPB. Na relação direta entre NPB e EE, os efeitos foram significativamente positivos e moderados ($\beta = 0,27$; $p < 0,05$) (para cada aumento de 1 desvio-padrão das NPB, a EE aumenta em 0,27 desvios-padrão). Referente ao RTA, o efeito direto sobre EE foi significativamente moderado ($\beta 0,24$; $p < 0,05$) (para cada aumento de 1 desvio-padrão do RTA, a EE aumenta em 0,24 desvios-padrão).

Quando mediada pelo RTA, a relação entre a NPB e a EE apresentou um aumento significativo e moderado no efeito total (0,27 para 0,39), com efeito indireto de $\beta=0,12$ ($p < 0,05$) (Tabela 8).

Tabela 6 – Efeitos padronizados direto e indireto do modelo estrutural do impacto das necessidades psicológicas básicas mediada pelo relacionamento treinador-atleta na experiência esportiva de jovens atletas brasileiros.

Variável Dependente	Variável Independente	Efeitos Padronizados		
		Direto	Indireto	Total
Relacionamento Treinador-Atleta (R ² =0,24)	Necessidades Psicológicas Básicas	0,50*	0	
	Necessidades Psicológicas Básicas	0,27*	0,12*	0,39*
Experiência Esportiva Positiva (R ² =0,20)	Relacionamento Treinador-Atleta	0,24*		

Nota. * = p<0,05.

6. DISCUSSÃO

6.1 Relacionamento Treinador-Atleta, Necessidades Psicológicas básicas e Experiências Esportivas Positivas.

Na percepção de jovens atletas brasileiros, o relacionamento treinador-atleta (RTA) (Tabela 2), de forma geral, apresentou predominância dos componentes de proximidade e complementaridade, caracterizando essas relações pela existência de laços afetivos e comportamentais. Diante disso, entende-se que o relacionamento entre os treinadores e jovens atletas brasileiros é marcado por sentimentos de respeito mútuo, confiança na relação, satisfação com o RTA que é mantido no contexto esportivo, além de perceber que há interação e cooperação entre ambos (JOWETT; POCZWARDOWSKI, 2007). A literatura aponta o RTA como aspecto fundamental para o crescimento e desenvolvimento dos atletas, promovendo sentimentos de competência em busca da melhora no desempenho, além de sentirem-se capazes de se desenvolver tanto nos aspectos sociais quanto nos pessoais (JOWETT; COCKERILL, 2003).

Estudos ressaltam que altos níveis da percepção do RTA estão diretamente relacionados à felicidade dos atletas (DAVIS; JOWET, 2014), sentimento de segurança, conforto e menor propensão a experimentar conflitos interpessoais (HAMPSON; JOWET, 2014). Neste sentido, infere-se a importância de boas relações entre treinadores e atletas, na instância que o técnico assume papel de agente socializador e mediador que pode influenciar na motivação e experiências dos jovens no esporte impactando assim no desenvolvimento positivo e saudável de jovens atletas brasileiros.

Foi observado que os atletas brasileiros apresentaram maior satisfação nas necessidades básicas de autonomia e relacionamento (Tabela 2), indicando que o contexto esportivo proporciona situações para que se sintam capazes de tomar decisões e terem o controle sobre suas ações, além de sentirem-se conectados às pessoas no ambiente que frequentam (DECI; RYAN, 2002). A satisfação da autonomia tem sido apontada como fundamental para o alcance da motivação autodeterminada e consequente manutenção dos jovens no esporte (REYNOLDS; MCDONOUGH, 2015), ao mesmo tempo em que a satisfação da NPB de

relacionamento está diretamente relacionada com a motivação intrínseca do indivíduo (GUNNELL et al., 2014). Diante de tais achados, entende-se que com a satisfação das NPB, o jovem atleta estará mais próximo de alcançar a motivação autodeterminada, acentuando sentimentos de prazer e satisfação pelo esporte que pratica (DECI; RYAN, 2012). Frente a isto, destaca-se a importância da figura dos treinadores como promotores da motivação no esporte, visto que o treinador é o agente mais próximo aos atletas e se torna responsável por organizar ambientes favoráveis para a satisfação das NPB, contribuindo assim com o sucesso esportivo dos jovens atletas (DECI; RYAN, 2012; GONZÁLEZ et al., 2015).

Ao se referir às experiências esportivas (EE), evidenciou-se que jovens atletas brasileiros percebem maiores experiências voltadas ao desenvolvimento de iniciativa e estabelecimento de metas. Com esse resultado verifica-se que o contexto esportivo proporciona experiências positivas que contribuem para o desenvolvimento das capacidades de esforço, atenção, melhora nas habilidades físicas ou atléticas, energia para as atividades desempenhadas (MACDONALD, 2012). Tal achado vai ao encontro de estudos que apontam o desenvolvimento dos aspectos de iniciativa e estabelecimento de metas como focos primários a serem desenvolvidos na adolescência, uma vez que a iniciativa está diretamente relacionada à motivação intrínseca e o estabelecimento de metas está ligado à definição de objetivos, aspectos estes, muito importantes para o desenvolvimento dos jovens (LARSON, 2000; MACDONALD et al., 2012).

Ao comparar as NPB, RTA e EE em função do tipo de modalidade praticada (Tabela 3), evidenciou-se que atletas praticantes de modalidades coletivas percebem maior complementaridade na relação mantida com o treinador e possuem maior EE de habilidades pessoais e sociais. Tal achado demonstra que atletas de modalidades coletivas, por estarem envolvidos com uma equipe, apontam aspectos mais fortes ligados à cooperação e interação com seu treinador além de apresentarem maior senso de trabalho em equipe e colaboração (JOWETT; POZWARDOWSKI, 2007), devido às características de trabalhar em grupo. O fato de atletas de modalidades coletivas vivenciarem maiores experiências relacionadas às habilidades pessoais e sociais pode ser atribuído ao envolvimento social que o esporte demanda, que vai além do treinador e abrange o maior contato com os colegas de equipe. Fato este é evidente na prática, ao perceber que atletas de

modalidades coletivas se relacionam com maior facilidade, estão sempre em grupos na companhia de seus colegas de equipe e parecem ser mais extrovertidos.

Por outro lado, atletas praticantes de modalidades individuais sentem maior satisfação na NPB de competência. Há evidências na literatura (VAN DE POL, et al., 2015; GONZÁLEZ, et al., 2015) de que o apoio dos treinadores está diretamente relacionado com a NPB de competência em jovens atletas, indicando que atletas de esporte individuais percebem um maior apoio de seus treinadores em comparação aos atletas de equipes de esportes coletivos. Ainda, é possível compreender que os atletas de modalidades individuais estão sempre em busca do seu auto rendimento e alcance de seus resultados despreendendo de uma boa performance individual, o que contribui para a satisfação de NPB de competência.

Quando comparadas as variáveis RTA, NPB e EE em função sexo, observou-se que atletas do sexo feminino percebem uma maior proximidade com seus treinadores e demonstram maiores EE relacionadas com as habilidades cognitivas (Tabela 4). O sexo é considerado uma característica antecedente do relacionamento treinadores-atleta, conforme apontado no modelo integrado dos 3Cs+1C (JOWETT; POZWARDOWSKI, 2007). Corroborando estes achados, verifica-se que atletas do sexo feminino são caracterizadas por serem emocionalmente instáveis (ALLEN; GREENLEES; JONES, 2013) o que demanda um maior apoio emocional por parte dos técnicos e uma relação voltada à formação de laços afetivos. Nota-se ainda que atletas do sexo feminino parecem absorver maiores experiências esportivas que contribuem para o desenvolvimento das habilidades cognitivas relacionadas às habilidades acadêmicas/escolares, e isso contribui com a maior vontade de permanecer na escola (MACDONALD, 2012). A literatura ressalta a importância de atividades organizadas (esporte e lazer) como meios de proporcionar uma combinação única de motivação, atenção e desafio que incentivam os jovens a se envolverem mais com o meio escolar e na comunidade, que pode não ser encontrada no ensino regular (VELLA; OADES; CROWE, 2013a). No entanto, até onde foi possível investigar, não há estudos que apontam uma diferença entre a experiência esportiva entre os sexos.

Além destes aspectos, foi observado que atletas do sexo masculino se sentiram mais satisfeitos na NPB de competência. De acordo com a subteoria das NPB (DECI; RYAN, 2012), pode-se considerar que os homens são caracterizados por estarem sempre em busca de novos desafios que sejam possíveis de serem

atingidos, buscando a aquisição de mais confiança e efetividade nas ações, além de sentirem mais efetivos e capazes de desempenhar atividades em níveis variados de dificuldade (DECI; RYAN, 2002).

Ao analisar as correlações entre as variáveis abordadas no estudo (Tabela 5), foram encontradas correlações positivas entre as dimensões do RTA com as NPB (relacionamento e autonomia) apontando que quanto maior a relação entre treinadores e atletas maior o sentimento de satisfação das suas NPB. Ainda há fortes indícios de que quanto maior a proximidade (formação de laços afetivos entre o técnico e o jovem atleta) maior a possibilidade de adquirirem EE de iniciativa e estabelecimento de metas. Além disso, a complementaridade (cooperação entre técnico e atleta) esteve correlacionada à EE de iniciativa, enquanto o comprometimento (manutenção das relações por mais tempo) esteve relacionado a todas as dimensões de experiências esportivas (iniciativa, estabelecimento de metas, habilidades cognitivas e habilidades pessoais e sociais). Tais correlações vão ao encontro da literatura (VELLA; OADES; CROWE, 2013a; DAVIS; JOWETT, 2014; CRONIN; ALLEN, 2015), reforçando a importância dos comportamentos recíprocos entre treinadores e atletas, além da criação de laços afetivos e manutenção da relação em busca do bem-estar no contexto esportivo. Esses achados ainda sugerem que o RTA pode ajudar o alcance da motivação autodeterminada e a garantir a experiência esportiva positiva em jovens atletas brasileiros.

Quanto às NPB, o relacionamento esteve relacionado às EE de habilidades pessoais/sociais e cognitivas. Por sua vez, a autonomia se relacionou com todas as dimensões de EE. Estes resultados recebem suporte da literatura (PODLOG, et al., 2015) ao apontar que a satisfação das NPB é relevante para o engajamento dos jovens atletas no esporte e que um ambiente que atenda a necessidade de autonomia auxilia a desenvolver a responsabilidade social (MCDONOUGH, 2013). Neste contexto, é de extrema importância que os jovens atletas brasileiros se sintam satisfeitos com as NPB, a fim de que se percebam autônomos para o desenvolvimento de bons relacionamentos com seus pares, tenham iniciativa, tracem metas e se esforcem para melhoria do desempenho dentro do esporte praticado.

6.2 Impacto das Necessidades Psicológicas básicas mediada pelo Relacionamento Treinador-Atleta nas Experiências Esportivas

De acordo com a revisão bibliográfica realizada, este é o primeiro estudo a analisar o impacto das NPB de motivação mediada pelo RTA, nas experiências esportivas positivas de jovens atletas brasileiros. Os resultados confirmam a hipótese inicial (Figura 2) de que as NPB de motivação poderiam prever positivamente o relacionamento entre treinadores e atletas, o RTA por sua vez poderia prever as EE positivamente, e, portanto, mediar a relação entre as NPB e EE. Embora a NPB de motivação tenha apresentado efeito direto positivo sobre as EE, essa predição passou a obter um valor superior quando mediado pelo RTA. Este é o primeiro resultado apresentado na literatura, que destaca a importância das NPB como uma variável preditora que pode impactar no relacionamento dos atletas com seus treinadores e nas experiências no esporte.

A Teoria da Autodeterminação/TAD (DECI; RYAN, 1985) têm se mostrado uma teoria fundamental que busca explorar os fatores que podem interferir no bem-estar psicológico de atletas no contexto esportivo. Ao considerar os fatores inatos do indivíduo, a motivação é um antecedente próprio do sujeito, que está relacionado com suas orientações motivacionais, escolhas, metas e prazer em praticar determinada atividade (DECI; RYAN, 2012). Frente aos resultados (Figura 3), infere-se que atletas satisfeitos em suas NPB de motivação estão predispostos a melhores relações sociais no esporte, resultando em bons relacionamentos e comportamentos com seus respectivos treinadores. Pesquisas apontam que atletas mais motivados estarão mais engajados, facilitando o envolvimento social desses atletas no contexto esportivo (PODOLOG et al., 2015) e estarão autodeterminados a enfrentar as dificuldades e desafios junto a seus treinadores em busca do sucesso esportivo (GONZALEZ; CASTILIO; BALAGUER, 2015).

De acordo com o modelo (Figura 3), entende-se que um atleta satisfeito com as NPB de motivação, que está autodeterminado e empregando de esforço, persistência em busca de seus objetivos dentro do esporte (DECI; RYAN, 2012) vivenciará boas experiências esportivas, contribuindo com seu desenvolvimento positivo. É consenso na literatura que a motivação, além de ser um elemento chave para o desempenho e sucesso dos atletas em competições, treinamentos e relacionamentos, pode influenciar nas experiências esportivas (VLACHOPOULOS; KAPERONI; MOUSTAKA, 2011; DECI; RYAN, 2012). Diante disso, ressalta-se a importância de fomentar a motivação em jovens atletas, a fim de contribuir com o

desenvolvimento positivo no esporte, sendo este considerado uma atividade organizada e estruturada que visa contribuir com o DPJ (ESPERANÇA, et al, 2013).

Além de a motivação ser considerada uma tendência inata, a interação com o ambiente (tendências ambientais) pode atuar na motivação do indivíduo, entende-se que o meio social em que o atleta está inserido pode atuar como elemento interveniente na sua motivação (DECI; RYAN, 2012). Frente a isto, e testando o impacto mediador do RTA na relação entre NPB e EE, fica em evidência que o treinador ao fomentar boas relações com seus atletas, é considerado uma figura fundamental no ambiente esportivo, uma vez que este pode influenciar diretamente na motivação e no desenvolvimento positivo de jovens atletas brasileiros. Tal achado vai ao encontro dos princípios da TAD, uma vez que agentes externos podem atuar como responsáveis por organizar ambientes que favoreçam a satisfação das NPB de competência, relacionamento e autonomia para o alcance da motivação autodeterminada (DECI; RYAN, 2012), favorecendo por sua vez melhores experiências no esporte. O treinador é considerado uma figura de autoridade que está em contato direto com os atletas, e cabe a ele proporcionar atividades organizadas, estruturadas e fornecer o suporte necessário aos atletas para que o desenvolvimento positivo seja alcançado. Estudos apontam que o DPJ no esporte está associado com o comportamento de liderança (VELLA; OADES; CROWE, 2013b) e ressaltam ainda que a combinação do comportamento de liderança junto com ao RTA fornece um melhor preditor de EE.

Com base no modelo apresentado, entende-se que o treinador tem importante papel dentro do contexto esportivo, que vai além de apenas treinar seus atletas, pois não é o esporte por si só que influencia o DPJ, mas sim como o esporte é apresentado ao jovem atleta, como é estruturado e direcionado (CONROY; COATSWORTH, 2007; HOLT, 2008). Os treinadores são considerados figuras de maior interação dentro do contexto esportivo em relação a outros agentes influentes (pais ou responsáveis e políticos) e sua influência é constantemente significativa no início da adolescência (VELLA; OADES; CROWE, 2013a). Neste sentido, os treinadores assumem posição de influência significativa para os jovens atletas, sendo visto como um modelo para os mesmos. Por conseguinte, os treinadores são responsáveis por fomentar as satisfações de NPB por meio de atividades prazerosas que tragam bem-estar (CRONIN; ALLEN, 2015), *feedback* positivo, suporte de autonomia (STENLING; LINDWALL; HASSMÉN, 2015) relacionamentos saudáveis ;

(JOWETT; POCZWARDOWSKI, 2007) superação de obstáculos, estabelecimento de metas, busca de resultados, além de modelar comportamentos pessoais e pró-sociais adequados e desejáveis (MACDONALD et al., 2012), que sejam de benefício para os jovens atletas, tendo em mente o impacto do seu exemplo, sobre os resultados do DPJ.

Neste sentido, vale ressaltar que os fatores e características da sociedade oferecem suporte para o desenvolvimento saudável dos jovens, inferindo que essas experiências estão relacionadas e acontecem com a supervisão de um adulto, no caso do contexto esportivo, a figura do treinador (RAMEY; ROSE-KRASNOR, 2012). Diante disso, ressalta-se a importância do treinador como mediador das NPB e EE uma vez que este desempenha um papel imprescindível em cultivar bons relacionamentos e organizar de maneira prazerosa ambiente de treinos e competições.

Apesar das contribuições dos achados desta pesquisa para a literatura, algumas limitações merecem destaques. O presente estudo se restringiu a análise de algumas variáveis psicológicas que podem influenciar o DPJ, sendo assim outros estudos poderiam investigar demais fatores que podem contribuir para um bom desenvolvimento positivo dos atletas. Destaca-se ainda que o estudo se caracterizou como do tipo transversal, não garantindo análises e inferências de cunho longitudinal.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos achados do presente estudo, conclui-se que de modo geral os jovens atletas brasileiros apresentaram bons níveis de percepção do RTA com predominância para proximidade, de NPB com destaque para a satisfação de autonomia e de EE, com ênfase para a experiência esportiva de iniciativa.

Quanto à comparação do RTA e EE em função do tipo de modalidade, notou-se que atletas de modalidades coletivas apresentaram maior percepção de complementaridade com seus treinadores e possuem maiores experiências para habilidades pessoais e sociais (EE). Por outro lado, atletas de modalidades individuais, possuem uma maior satisfação das NPB de competência.

Ao considerar as comparações em função do sexo, evidenciou-se que atletas do sexo feminino obtiveram níveis maiores para a proximidade (RTA) com seus treinadores, e maiores níveis para EE de habilidades cognitivas. No entanto, atletas do sexo masculino se mostram mais satisfeitos nas NPB de competência.

Quando relacionados o RTA, NPB e EE, pode-se identificar relações positivas entre as dimensões de cada variável do estudo, apontando que boas relações entre treinadores e seus atletas pode aumentar a satisfação das NPB de relacionamento e autonomia, e que comportamentos afetivos podem estar relacionados com as experiências de iniciativa e estabelecimentos de metas. Ainda, comportamentos de cooperação entre treinadores e atletas também contribuem para a EE de iniciativa, enquanto que os sentimentos de querer manter as relações por mais tempo contribuem para boas experiências esportivas. Há evidências ainda, de que a satisfação das NPB de relacionamento pode contribuir para a aquisição de EE de habilidades pessoais/sociais e cognitivas e que a satisfação de autonomia pode ser um fator determinante para as EE de jovens atletas brasileiros.

Este estudo ainda revelou que o RTA pode ser considerado um fator psicológico determinante para a satisfação das NPB e experiência esportiva de jovens atletas brasileiros. Destaca-se que com a mediação do RTA o impacto das NPB nas experiências esportivas positivas teve um aumento significativo, mostrando que um bom relacionamento entre treinadores e atletas pode contribuir para que os jovens brasileiros se sintam mais motivados na prática do esporte e em decorrência

disso, estarão mais dispostos a se envolver com experiências positivas no contexto esportivo que visam contribuir com seu desenvolvimento positivo.

Os achados desta pesquisa contribuem para que treinadores, professores/profissionais de Educação Física, Psicólogos do Esporte que buscam entender as relações sociais no contexto esportivo obtenham um respaldo da literatura em âmbito nacional, a respeito das percepções dos jovens atletas brasileiros quanto ao RTA, satisfação das NPB e EE, com base a compreender a importância das relações sociais para motivação e experiências esportivas dos jovens atletas. Dessa maneira, é adequado que os adultos responsáveis (treinadores, professores de Educação Física, voluntários) por organizarem os treinos e demais atividades que envolvam jovens atletas, promovam ambientes prazerosos com vistas a garantir experiências esportivas positivas incentivando as satisfações de competência, autonomia e bons relacionamentos entre treinadores e demais membros que compõem a equipe. Ao proporcionar experiências esportivas positivas aos jovens atletas, treinadores e demais agentes envolvidos no esporte estarão contribuindo com o desenvolvimento de potencialidades importantes (estabelecimento de metas, iniciativa, habilidades cognitivas e habilidades pessoais/sociais) para além do contexto esportivo como também para a vida desse jovem atleta em sociedade, além do engajamento e permanência dos jovens no esporte.

REFERÊNCIAS

ADIE, J.; DUDA, J. L.; NTOUMANIS, N. Autonomy support, basic need satisfaction and the optimal functioning of adult male and female sport participants: A test of basic needs theory. **Motivation and Emotion**, v.32, p.189-199, 2008.

ALBUQUERQUE, A. S.; TRÓCCOLI, B. T. Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.2, n.20, p. 153-164, 2004.

AMIOT, C. E.; GAUDREAU, P.; BLANCHARD, C. M. Self-determination, coping and goal attainment in sport. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v.26, p.396-411, 2004.

BALAGUER, I.; GONZÁLEZ, P.; FABRA, I.; CASTILLO, J.; MERCÉ, J. DUDA, J. L. Coaches' interpersonal style, basic psychological needs and the well- and ill-being of young soccer players: a longitudinal analysis. **Journal of Sports Sciences**, p. 1-11, 2012.

BENSON, P. L. et al. Positive youth development: Theory, research, and applications. In R. M. Lerner. **Theoretical models of human development. Handbook of child psychology**, vol.1, n.6. Hoboken, NJ: Wiley, 2006.

BERNARDES, A. G.; B. SANTOS, H. Y.; PINTO G. Motivos para prática de esporte em idades jovens: Um estudo de revisão. **Motricidade**, v.2, n.11. p. 163-173, 2015.

BORGES, P.H. et al. Motivação e desempenho tático em jovens jogadores de futebol: uma análise a partir da teoria da autodeterminação. **Cinergis**, v.16, n.2, 2015.

BUSSERI, M. A.; ROSE-KRASNOR, R. Breadth and intensity: salient, separable, and developmentally significant dimensions of structured youth activity involvement. **British Journal of Developmental Psychology**, v.27, p. 907-933, 2009.

BREDEMEIER, B.; SHIELDS, D. Sport and character development. **Research Digest**. President's Council on Physical Fitness and Sports, v.7, p. 1-8, 2006.

BRUNER, M. W.; HALL, J.; CÔTÉ, J. Influence of sport type and interdependence on the developmental experiences of youth male athletes. **European Journal of Sport Science**, v.11, n.2, p. 131-142, 2011.

CATALANO, R. F. Positive youth development in the United States: Research findings on evaluations of positive youth development programs. **Social Science**, v.1, n.591, p. 98-124, 2004.

CATALANO, R. F.; BERGLUND, M. L.; RYAN, J. A. M.; LONCZAK, H. S.; HAWKINS, J. D. Positive youth development in the United States: research findings on evaluations of positive youth development programs. **Prevention & Treatment**, v.5, p. 1-111, 2002.

CHELLADURAI, P. **Leadership in sports: a review**. *International Journal of Sport Psychology*, v.21, p. 328-351, 1990.

CHIAN, L. K. Z.; JOHNWANG, C. K. Motivational profiles of junior college athletes: a cluster analysis. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 20, p. 137-156, 2008.

CHOI, H.; CHO, S.; HUH, J. The Association Between the Perceived Coach–Athlete Relationship and Athletes' Basic Psychological Needs. **Social Behavior and Personality: an international journal**, v.41, n.9, p. 1547-1556, 2013.

COAKLEY, J. Youth sports: what counts as “positive development”? **Journal of Sport and Social Issues**, v.35, n.3, p. 306-324, 2011.

COATSWORTH, J. D.; CONROY, D. E. The effect of autonomy-supportive coaching, need satisfaction, and self-perceptions on initiative and identity in youth swimmers. **Developmental Psychology**, Washington, v.45, p. 320-328, 2009.

CONROY, D. E.; COATSWORTH, J. D. Assessing autonomy supportive coaching strategies in youth sport. **Psychology of Sport and Exercise**, Champaign, v.8, p. 671-684, 2007.

CÔTÉ, J., GILBERT, W. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal of Sports Science and Coaching**, v.4, p. 307-23, 2009.

DA COSTA, L. A. et al. Estudo dos fatores motivacionais e orientação de vida de universitários. **Cinergis**, v.16, n.2, 2015.

DA CUNHA VOSER, R. et al. A motivação para a prática do futsal: comparação entre atletas federados do sexo masculino e feminino. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v.6, n.21, 2014.

DAMON, W. What is positive youth development? **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, v.591, p. 13-24, 2004.

DANCEY, C. P.; REIDY, J. **Estatística sem matemática para psicologia**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

DAVIS, L.; JOWETT, S.; LAFRENIÉRE, M. K. An attachment theory perspective in the examination of relational processes associated with coach-athlete dyads. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v.35, p. 156-167, 2013.

DAVIS, L.; JOWETT, S. Coach-athlete attachment and the quality of the coach-athlete relationship: implications for athlete's well-being. **Journal of sports sciences**, v.32, n.15, p. 1454-1464, 2014.

DE ALMEIDA PINTO, S.; COSTA, G. C. Motivação dos praticantes de Taekwondo: Estudo realizado em academias de Belo Horizonte. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v.7, n.27, p. 495-504, 2016.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior**. Nova York: Plenum, 1985.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. The "what" and "why" of goal pursuits: human needs and the self-determination theory. **Psychological Inquiry**, v. 11, p. 227-68, 2000.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. Facilitating optimal motivation and psychological well-being across life's domains. **Canadian Psychology**, v. 49, n. 1, p. 14-23, 2008.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. Self-Determination Theory. In: Deci, E. L.; Ryan, R. M. **Handbook of theories of social psychology**. Moody General Collection, p. 416-437, 2012.

DECI, E. L.; VANSTEENKISTE, M. Self-determination theory and basic need satisfaction: Understanding human development in positive psychology. **Ricerche di Psicologia**, v. 27, p. 17-34, 2004.

DO NASCIMENTO, L. S.; GRESS, F. A. G. nível de motivação para a prática de atividade física em escolares. **Biomotriz**, v.7, n.2, 2013.

ECCLES, J. S.; GOOTMAN, J. A. **Community programs to promote youth development/ committee on community-level programs for youth**. Washington DC: National Academy Press, 2002.

EDWARDSON, L. C.; GORELY, T. Parental influences on different types and intensities of physical activity in youth: A systematic review. **Psychology of Sport and Exercise**, v.11, p. 522-535, 2010.

EIME, R. M. et al. A systematic review of the psychological and social benefits of participation in sport for children and adolescents: informing development of a conceptual model of health through sport. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v.10, n.98, p. 1-21, 2013.

ESPERANÇA, J. M.; REGUEIRAS, M. L.; BRUSTAD, R. J.; FONSECA, A. M. Um olhar sobre o desenvolvimento positivo dos jovens através do desporto. **Revista de Psicología del Deporte**, v.22, n.2, p. 481-487, 2013.

FRASER-THOMAS, J. L.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Youth sport programs: an avenue to foster positive youth development. **Physical Education and Sport Pedagogy**, Abingdon, v.10, n.1, p. 19-40, 2005.

FRASER-THOMAS, J. L.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v.9, p. 645-662, 2008.

FRANCO, R. G.; RODRIGUEZ, C. M. Programas de Intervenção na Adolescência: Considerações sobre o Desenvolvimento Positivo do Jovem. **Temas em Psicologia**, v.22, n.4, p. 677-690, 2014.

GAGNÉ, M.; RYAN, R. M.; BARGMANN, K. Autonomy support and need satisfaction in the motivation and well-being of gymnasts. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 15, p. 372-390, 2003.

GANO-OVERWAY, L. A.; MAGYAR, T. M.; KIM, M. S.; NEWTON, M.; FRY, M. D.; GUIVERNAU, M. R. Influence of caring youth sport contexts on efficacy-related beliefs and social behaviors. **Developmental Psychology**, v.45, n.2, p. 329-340, 2009.

GILLET, N.; VALLERAND, et al. Influence of coaches' autonomy support on athletes' motivation and sport performance: A test of the hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation. **Psychology of Sport & Exercise**, v.11, n.2, p. 155-161, 2010.

GONZÁLEZ, L.; CASTILLO, I.; GARCÍA-MERITA, M.; BALAGUER, I. Apoyo a la autonomía, satisfacción de las necesidades psicológicas y bienestar: Invarianza de un modelo estructural en futbolistas y bailarines. **Revista de Psicología del Deporte**, v.24, n.1, p. 121-29, 2015.

GOULD, D.; CARSON, S. The relationship between perceived coaching behaviors and developmental benefits of high school sports participation. **Hellenic Journal of Psychology**, v.7, p. 298-314, 2010.

GUCCIARDI, D. F. The relationship between developmental experiences and mental toughness in adolescent cricketers. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v.33, p. 370-393, 2011.

GUÈVREMONT, A.; FINDLAY, L.; KOHEN, D. Organized extracurricular activities of canadian children and yout. **Health Reports**, v.19, n.3, p. 65-82, 2008.

GUNNELL, K. E. et al. Goal contents, motivation, psychological need satisfaction, well-being and physical activity: A test of self-determination theory over 6 months. **Psychology of Sport and Exercise**, v.15, n.1, p. 19-29, 2014.

HANSEN, D. M.; LARSON, R. **The youth experience survey 2.0: instrument revisions and validity testing**. Unpublished manuscript, University of Illinois at Urbana-Champaign. <http://web.aces.uiuc.edu/youthdev/>, 2005.

HANSEN, D. M.; LARSON, R. W.; DWORKIN, J. B. What adolescents learn in organized youth activities: a survey of self-reported developmental experiences. **Journal of Research on Adolescence**, v.13, n.1, p. 25-55, 2003.

HOLT, N. L. **Positive youth development through sport**. London: Routledge, 2008.

HOLT, N.L.; KINGSLEY, B.C.; TINK, L.N.; SCHERER, J. Benefits and challenges associated with sport participation by children and parents from low-income families. **Psychology of Sport and Exercise**, v.12, p. 490-499, 2011.

HOLT, N. L.; NEELY, K. C. Positive youth development through sport: A review. **Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte**, v.6, n.2, p. 299-316, 2011.

HOLT, N. L.; SEHN, Z. L.; SPENCE, J. C.; NEWTON, A. S.; BALL, G. D. C. Physical education and sport programs at an inner city school: exploring possibilities for positive youth development. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v.17, n.1, p. 97-113, 2012.

JONES, M. I.; PARKER, J. K. What is the size of the relationship between global mental toughness and youth experiences? **Personality and Individual Differences**, v.54, p. 519-523, 2013.

JOWETT, S.; COCKERILL, I. M. Olympic medallists' perspective of the athlete–coach relationship. **Psychology of sport and exercise**, v.4, n.4, p. 313-31, 2003.

JOWETT, S.; TIMSON-KATCHIS. **Social networks in sport: parental influence on the coach-athlete relationship**. *The Sport Psychologist*. v.19, p. 267-287, 2005.

JOWETT, S.; LAVALEE, D. **Social Psychology in Sport**. United States: Human Kinetics, 2007.

JOWETT, S. On repairing and enhancing the coach–athlete relationship. IN: JOWETT, S.; JONES, M. **The psychology of coaching**. Sport and exercise psychology division (pp. 14–26). Leicester: The British Psychological Society, 2005.

JOWETT, S.; POCZWARDOWSKI, A. Understanding the coach-athlete relationship. In: JOWETT, S.; LAVALEE, D. **Social Psychology in Sport**. United States: Human Kinetics, 2007.

JOWETT, S.; NEZLEK, J. Relationship interdependence and satisfaction with important outcomes in coach-athlete dyads. **Journal of Social and Personal Relationship**, v.29, n.3, p. 287-301, 2011.

JOWETT, G. E. et al. Perfectionism, burnout and engagement in youth sport: The mediating role of basic psychological needs. **Psychology of Sport and Exercise**, v.24, p. 18-26, 2016.

KANG, S.; JEON, H.; KWON, S. Parental attachment as a mediator between parental Social support and self-esteem as perceived by Korean Sports middle and high school athletes. **Perceptual & Motor Skills: Physical Development & Measurement**, v.120, n.1, p. 288-3, 2015.

KONDRIC, M.; SINDIK, J.; FURJAN-MANDIC, G.; SCHIEFLER, B. Participation motivation and student's physical activity among sport students in three countries. **Journal of Sports Science and Medicine**, v.12, p. 10-18, 2013.

KREBS, R. J. Bronfenbrenner's bioecological theory of human development and the process of development of sports talent. **International Journal of Sport Psychology**, v.40, n.1, p. 108-135, 2009.

LARSON, R. W. Toward a psychology of positive youth development. **American Psychologist**, Washington, v.55, n.1, p. 170-183, 2000.

LAVOI, N. M. **Dimensions of closeness and conflict in the coach-athlete relationship**. Paper presented at the Meeting of the Association for the Advancement of Applied Sport Psychology, Minneapolis, MN, 2004.

LERNER, R. M. **Liberty**: Thriving and civic engagement among American youth. Thousand Oaks, CA: Sage, 2004.

LERNER, R. M. et al. Positive youth development, participation in community youth development programs, and community contributions of fifth-grade adolescents: findings from the first wave of the 4-H study of positive youth development. **Journal of Early Adolescence**, v.25, n.1, p. 17-71, 2005.

LUNDQVIST, C.; RAGLIN, J. S. The relationship of basic need satisfaction, motivational climate and personality to well-being and stress patterns among elite athletes: An explorative study. **Motivation and Emotion**, v.39, n.2, p. 237-246, 2015.

MACDONALD, D. J.; CÔTÉ, J.; EYS, M.; DEAKIN, J. The role of enjoyment and motivational climate in relation to the personal development of team sport athletes. **The Sport Psychologist**, v.25, p. 32-46, 2011.

MACDONALD, D. J. et al. Psychometric properties of the youth experience survey with young athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v.13, n.3, p. 332-340, may 2012.

MAGEAU, G. A.; VALLERAND, R. J. The coach-athlete relationship: a motivational model. **Journal of Sport Science**, v.21, p. 883-904, 2003.

MARÔCO, J. **Análise de equações estruturais**: fundamentos teóricos, softwares e aplicações. Editora: Report Number, 2010.

MINUZZI, Tatiane et al. Motivação de atletas escolares dos VII Jogos da Amizade: um estudo com o Colégio Militar de Santa Maria, RS. **Cinergis**, v.16, n.2, 2015.

MIZOGUCHI, Marcus Vinícius; BALBIM, Guilherme Moraes; VIEIRA, Lenamar Fiorese. Estilo parental, motivação e satisfação de atletas de beisebol: um estudo correlacional. **Journal of Physical Education**, v.24, n.2, p. 215-223, 2013.

MORAIS, N. A.; KOLLER, S. H. Abordagem ecológica do desenvolvimento humano, psicologia positiva e resiliência: A ênfase na saúde. In S. H. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil*. (p.91-107). São Paulo, SP: **Casa do Psicólogo**, 2004.

NASCIMENTO JUNIOR, J.R.A.; VISSOCI, J.R.N.; VIEIRA, L.F. Propriedades psicométricas da versão brasileira da Escala de Satisfação das Necessidades Básicas no Esporte (BNSSS). **Psicologia: Teoria e Pesquisa** (Brasília. Online), 2017 - "in press".

NICHOLLS, A. R.; PERRY, J. L. Perceptions of Coach–Athlete Relationship Are More Important to Coaches than Athletes in Predicting Dyadic Coping and Stress Appraisals: An Actor–Partner Independence Mediation Model. **Frontiers in psychology**, v.7, 2016.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S. A participação dos pais na carreira das atletas femininas de ginástica artística: a perspectiva dos técnicos. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, 2014.

PALUDO, S.; KOLLER, S. H. **Psicologia positiva: Uma nova abordagem para antigas questões**. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v.17, n.36, 9-20, 2007.

PASSARELI, P. M.; SILVA, J. A. Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24 n. 4, p. 513-517, 2007.

PERREAU, S.; VALLERAND, R. J. A test of self-determination theory with wheelchair basketball players with and without disability. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v.24, n.4, p. 305-314, 2007.

PERES, A. L. X.; MARCINKOWSKI, B. B. A motivação dos alunos do ensino médio: realização das aulas de Educação Física. **Cinergis**, v.13, n.4, p. 26-33, 2013.

PIZANI, J. et al. (Des) motivação na educação física escolar: uma análise a partir da teoria da autodeterminação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 2015.

POCZWARDOWSKI, A.; BAROTT, J. E.; PEREGOY, J. J. The athlete and coach: their relationship and its meaning. Methodological concerns and research process. **International Journal of Sport Psychology**, v.33, n.1, p. 98-115, 2002.

POCZWARDOWSKI, A.; BAROTT, J.E.; JOWETT, S. Diversifying approaches to research on athlete–coach relationships. **Psychology of Sport and Exercise**, v.7, p. 125–142, 2006.

PODLOG, L. et al. Need satisfaction, motivation, and engagement among high-performance youth athletes: A multiple mediation analysis. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v.13, n.4, p. 415-433, 2015.

RAMEY, H. L.; ROSE-KRASNOR, L. Contexts of structured youth activities and positive youth development. **Child Development Perspectives**, v.6, n.1, p. 85-91, 2012.

REYNOLDS, A. J.; MCDONOUGH, M. H. Moderated and Mediated Effects of Coach Autonomy Support, Coach Involvement, and Psychological Need Satisfaction on Motivation in Youth Soccer. **The Sport Psychologist**, v.29, p. 51-61, 2015.

RICHARDSON, R. J.; PERES, J. A. S.; WANDERLEY, J. C. V.; CORREIA, L. M.; PERES, M. H. M. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ª Ed. São Paulo: Atlas, 2012.

RIGONI, P. A. G. **A contribuição da experiência esportiva positiva, mediada pela motivação, no propósito de vida de jovens atletas brasileiros**. 2014. 201f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

ROSS, J. A.; MALLETT, J. C.; PARKES, F. J. The Influence of Parent Sport Behaviours on Children's Development: Youth Coach and Administrator Perspectives. **International Journal of Sports Science & Coaching**. v.10, n.4, 2015.

ROTH, J. L. & BROOKS-GUNN, J. What exactly is a youth development program? **Answers from research and practice**. Applied Developmental Science, v.7, p. 94-111, 2003.

ROTTENSTEINER, C.; KONTTINEN, N.; LAAKSO, L. Sustained Participation in Youth Sports Related to Coach-Athlete Relationship and Coach-Created Motivational Climate. **Int. Sport Coach J.**, v.2, n.1, p. 29, 2015.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. An overview of self-determination theory: An organismic-dialectical perspective. In: E. L. DECI.; R. M. RYAN (Eds.), **Handbook of self-determination research**. Rochester, NY: University of Rochester Press, p.3-33, 2002.

RYAN, R. M.; LYNCH, M. F.; VANSTEENKISTE, M.; DECI, E. L. Motivation and autonomy in counseling, psychotherapy, and behavior change: A look at theory and practice. **The Counseling Psychologist**, v.39, p.193-260, 2011.

SELIGMAN, M. E. P. **Florescer: Uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2011.

SHEK, D. T. L. **Spirituality as a positive youth development construct: a conceptual review**. In: Positive Youth Development – theory, research and 73 application (SHEK, D. T. L.; SUN, R. C. F.; MERRICK, J. editors). New York: Nova Science Publishers, p. 1-12, 2013.

SMITH, A. L. et al. Peer relationship profiles and motivation in youth sport. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v.28, p. 362-382, 2006.

SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. **Psicologia Positiva** – uma abordagem científica e prática das qualidades humanas. Porto Alegre: Artmed, 2009.

STENLING, A.; LINDWALL, M.; HASSMÉN, P.. Changes in perceived autonomy support, need satisfaction, motivation, and well-being in young elite athletes. **Sport, Exercise, and Performance Psychology**, v.4, n.1, p. 50, 2015.

STRACHAN, L.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. An evaluation of personal and contextual factors in competitive youth sport **Journal of Applied Sport Psychology**, v.21, p. 340-355, 2009.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TAYLOR, I. M.; BRUNER, M. W. The social environment and developmental experiences in elite youth soccer. **Psychology of Sport and Exercise**, v.13, p. 390-396, 2012.

VALLERAND, R. J. Intrinsic and extrinsic motivation in sport. **Encyclopedia of Applied Psychology**, v.2, p. 427-35, 2004.

VALLERAND, R. J. Intrinsic and extrinsic motivation in sport and physical activity. **Handbook of sport psychology**, v.3, p. 59-83, 2007.

VELLA, S.; OADES, L.; CROWE, T. A pilot test of transformational leadership training for sports coaches: impact on the developmental experiences of adolescent athletes. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v.8, n.3, p. 513-530, 2013a.

_____ The relationship between coach leadership, the coach-athlete relationship, team success, and the positive developmental experiences of adolescent soccer players. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v.18, n.5, p. 549-561, 2013b.

VIEIRA, L. F. et al. Estilos parentais e motivação em atletas jovens de futebol de campo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.16, n.1, p. 1319, 2013.

VIEIRA, L. F. et al. Adaptação transcultural e propriedades psicométricas do questionário de relacionamento treinador-atleta brasileiro (CART-Q) – Versão atleta. (em avaliação). **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, 2015.

VIANNA, J. A.; LOVISOLO, H. R. A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.25, n.2, p.285-96, 2011.

VOSER, R. D. C.; MOREIRA, C. M.; VOSER, P. E. G.; HERNANDEZ, J. A. E. A motivação para prática do Futsal: Um estudo com atletas na faixa etária entre 13 e 18 anos. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 8, n.28, p. 39-45, 2016.

VLACHOPOULOS, S. P.; KAPERONI, M.; MOUSTAKA, F. C. The relationship of self-determination theory variables to exercise identity. **Psychology of Sport and Exercise**, v.12, p. 265-272, 2011.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

WILSON, D. M.; GOTTFREDSON, D. C.; CROSS, A. B.; RORIE, M.; CONNELL, N. Youth development in after-school leisure activities. **The Journal of Early Adolescence**, v.30, n.5, p. 668-690, 2010.

WYLLEMAN, P. Interpersonal relationships in sport: Uncharted territory in sport psychology research. **International Journal of Sport Psychology**, v.31, p. 55-72, 2000.

VAN DE POL, P. K. C.; KAVUSSANU, M.; KOMPIER, M. Autonomy support and motivational responses across training and competition in individual and team sports. **Journal of Applied Social Psychology**, v.45, n.12, p. 697-710, 2015.

ALLEN, M. S.; GREENLEES, I.; JONES, M. Personality in sport: A comprehensive review. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v.6, n.1, p. 184-208, 2013.

MCDONOUGH, Meghan H. et al. Social responsibility among low-income youth in physical activity-based positive youth development programs: Scale development and associations with social relationships. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 25, n.4, p. 431-447, 2013.

WEISS, Maureen R. et al. Friendship quality in youth sport: Relationship to age, gender, and motivation variables. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 24, n.4, p. 420-437, 2002.

VIEIRA, José Luiz Lopes et al. Impact of coach-athlete relationship on the collective efficacy of young volleyball players. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v.17, n.6, p. 650-660, 2015.

ROTTENSTEINER, C.; KONTTINEN, N.; LAAKSO, L. Sustained Participation in Youth Sports Related to Coach-Athlete Relationship and Coach-Created Motivational Climate. **Int. Sport Coach J.**, v.2, n.1, p. 29, 2015.

LAFRENIÈRE, M. A. K. et al. Passion for coaching and the quality of the coach-athlete relationship: The mediating role of coaching behaviors. **Psychology of Sport and Exercise**, v.12, n.2, p. 144-152, 2011.

HAMPSON, R.; JOWETT, S. Effects of coach leadership and coach-athlete relationship on collective efficacy. **Scandinavian journal of medicine & science in sports**, v.24, n.2, p. 454-460, 2014.

ISOARD-GAUTHEUR, Sandrine et al. Associations between the perceived quality of the coach-athlete relationship and athlete burnout: An examination of the mediating role of achievement goals. **Psychology of Sport and Exercise**, v.22, p. 210-217, 2016.

DELL'ANTONIO, E.; BARROSO, M. L. C. Perfil de liderança de treinadores e desempenho de equipes em competição. **Avaliação Psicológica**, v.13, n.3, p. 311-316, 2014.

CAMIRÉ, M.; FORNERIS, T.; TRUDEL, P.; BERNARD, D. Strategies for helping coaches facilitate positive youth development through sport. **Journal of Sport Psychology in Action**, v.2, p. 92-99, 2011.

CARRERES PONSODA, F. et al. The relationship between out-of-school sport participation and positive youth development. 2012.

JONES, Martin I.; PARKER, John K. What is the size of the relationship between global mental toughness and youth experiences?. *Personality and Individual Differences*, v.54, n.4, p. 519-523, 2013.

CRONIN, L. D.; ALLEN, J. Developmental experiences and well-being in sport: The importance of the coaching climate. **Sport Psychologist**, v.29, n.1, p. 62-71, 2015.

RATHWELL, S.; YOUNG, B. W. An Examination and Validation of an Adapted Youth Experience Scale for University Sport. *Measurement in Physical Education and Exercise Science*, p. 1-12, 2016.

DE SOUZA RIZZO, D. T. et al. Educação física escolar e esporte: significações de alunos e atletas. **Pensar a Prática**, v.19, n.2, 2016.

NTOUMANIS, N.; STANDAGE, M. Motivation in physical education classes: A self-determination theory perspective. **Theory and Research in Education**, v.7, p.194-202, 2009.

LEE, J. Q.; MCINERNEY, D. M.; LIEM, G. A. D.; ORTIGA, Y. P. The relationship between future goals and achievement goal orientations: An intrinsic-extrinsic

motivation perspective. **Contemporary Educational Psychology**, v.35, p.264–279, 2010.

SCHERMELLEH-ENGEL, K.; MOOSBRUGGER, H.; MULLER, H. Evaluating the fit of structural equation models: Test of significance and descriptive goodness-of-fit measures. **Methods of Psychological Research Online**, v.8, n.2, p. 23-74, 2003.

ANEXOS E APÊNDICES



ANEXO A

Nome: _____ . Modali

dade:_____ .

Tempo de prática_____ Sexo: F () M () Idade:_____ .

Questionário de Relacionamento Treinador-Atleta (CART-Q) – Versão Atleta (Versão Validada)

Discordo totalmente Moderadamente

Concordo totalmente

1. Eu sou próximo ao meu treinador.	1	2	3	4	5	6	7
2. Eu sou comprometido com meu treinador.	1	2	3	4	5	6	7
3. Eu gosto do meu treinador.	1	2	3	4	5	6	7
4. Quando eu sou treinado pelo meu treinador, Eu estou à vontade.	1	2	3	4	5	6	7
5. Eu confio no meu treinador.	1	2	3	4	5	6	7
6. Eu acho que minha carreira esportiva é promissora com meu treinador.	1	2	3	4	5	6	7
7. Quando eu sou treinado pelo meu treinador, eu estou suscetível aos seus/suas esforços.	1	2	3	4	5	6	7
8. Eu respeito meu treinador.	1	2	3	4	5	6	7
9. Eu aprecio os sacrifícios do meu treinador a fim de melhorar meu desempenho.	1	2	3	4	5	6	7
10. Quando eu sou treinado pelo meu treinador, eu estou pronto para fazer o melhor.	1	2	3	4	5	6	7
11. Quando eu sou treinado pelo meu treinador, eu adoto uma postura amigável.	1	2	3	4	5	6	7

ANEXO B

Questionário da Experiência de Jovens no Esporte (YES-S) versão para língua portuguesa.	De jeito	Um pouco	Mais ou	Definitivamente sim
1. Aprendi sobre os desafios de ser um líder	1	2	3	4
2. Aprendi sobre ajudar os outros	1	2	3	4
3. Conheci pessoas da comunidade	1	2	3	4
4. Aprendi que tinha muito em comum com pessoas de diferentes realidades	1	2	3	4
5. Eu tive boas conversas com meus pais/responsáveis legais por causa dessa atividade.	1	2	3	4
6. Aprendi como minhas emoções e atitudes afetam os outros do grupo	1	2	3	4
7. Melhorei habilidades para buscar informações	1	2	3	4
8. Melhorei habilidades acadêmicas (leitura, escrita, matemática, etc)	1	2	3	4
9. Melhorei habilidades de computador/internet	1	2	3	4
10. Melhorei habilidades criativas	1	2	3	4
11. Essa atividade aumentou minha vontade de permanecer na escola	1	2	3	4
12. Aprendi a encontrar maneiras para alcançar meus objetivos	1	2	3	4
13. Eu estabeleci objetivos para mim mesmo nessa atividade	1	2	3	4
14. Aprendi a considerar desafios ao fazer planos para o futuro	1	2	3	4
15. Observei como os outros resolveram os problemas e aprendi com eles	1	2	3	4
16. Aprendi a me esforçar	1	2	3	4
17. Aprendi a focar a minha atenção	1	2	3	4
18. Eu coloquei toda minha energia nessa atividade	1	2	3	4

ANEXO C

APÊNDICE K - ESCALA DE SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES BÁSICAS NO ESPORTE (BNSSS) – Versão Validada

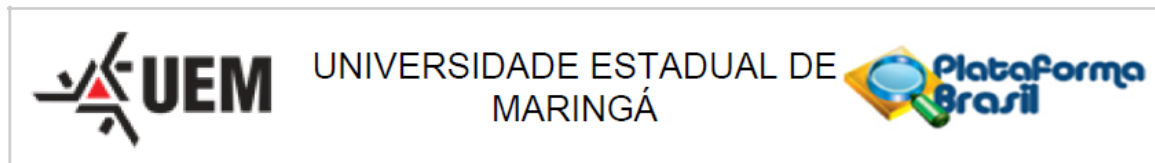
Nome: _____ Sexo: _____ Idade: _____
 Modalidade: _____ Equipe: _____
 Tempo de Prática: _____

Sentimentos em relação ao meu esporte favorito

Por favor, responda às questões de acordo com os sentimentos e as experiências que você vivencia quando está praticando seu esporte favorito.

	Nem um pouco verdade		Pouco de verdade		Muita verdade		
1. Em meu esporte, sinto que estou perseguindo meus próprios objetivos.	1	2	3	4	5	6	7
2. Eu sinto que pratico meu esporte por prazer.	1	2	3	4	5	6	7
3. Eu pratico meu esporte por vontade própria.	1	2	3	4	5	6	7
4. Existem pessoas em meu esporte que se preocupam comigo.	1	2	3	4	5	6	7
5. Eu sou habilidoso em meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
6. Eu sinto que sou bom em meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
7. Eu tenho oportunidade de sentir que sou bom em meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
8. Em meu esporte, eu realmente tenho a sensação de querer estar nele.	1	2	3	4	5	6	7
9. Em meu esporte, sinto que estou fazendo o que eu quero fazer.	1	2	3	4	5	6	7
10. Eu tenho habilidade para ter um bom desempenho em meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
11. Em meu esporte, existem pessoas em quem eu posso confiar.	1	2	3	4	5	6	7
12. Eu tenho um relacionamento próximo com as pessoas que praticam meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7

ANEXO D



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Processo de desenvolvimento de variáveis psicológicas positivas no contexto esportivo

Pesquisador: Lenamar Fiorese Vieira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 50335115.3.0000.0104

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Maringá

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.324.411

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa proposto por pesquisador vinculado à Universidade Estadual de Maringá.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar o processo de desenvolvimento de variáveis psicológicas positivas no contexto esportivo

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Avalia-se que os possíveis riscos a que estarão sujeitos os participantes da pesquisa serão suplantados pelos benefícios apontados.

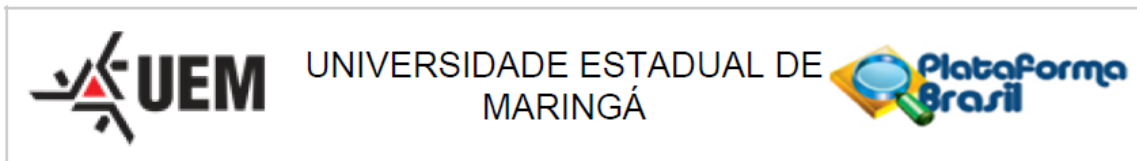
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A amostra será composta de atletas e treinadores de diferentes áreas que serão selecionados em eventos esportivos. Serão utilizadas escalas de avaliação validadas internacionalmente. n=800 envolvendo atletas e treinadores de modalidades individual e coletiva.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta Folha de Rosto devidamente preenchida e assinada pelo responsável institucional. O cronograma de execução é compatível com a proposta enviada. Descreve gastos sob a responsabilidade do pesquisador. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido encontrar-se redigido de acordo com as normas preconizadas porém não contempla o destino final dos

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4444 **Fax:** (44)3011-4518 **E-mail:** copep@uem.br



Continuação do Parecer: 1.324.411

questionários aplicados. Apresenta as autorizações necessárias. Recomenda-se que o texto do TCLE que contemple a informação do destino final dos questionários aplicados e que os mesmos sejam destruídos após a compilação dos dados.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá é de parecer favorável à aprovação do protocolo de pesquisa apresentado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Face ao exposto e considerando a normativa ética vigente, este Comitê se manifesta pela aprovação do protocolo de pesquisa em tela.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_605642.pdf	21/10/2015 21:19:42		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_corrigido.docx	21/10/2015 11:50:31	Lenamar Fiorese Vieira	Aceito
Folha de Rosto	Document1.pdf	08/10/2015 21:33:07	Lenamar Fiorese Vieira	Aceito
Outros	Autorizacao_Parana.docx	08/10/2015 18:29:32	Lenamar Fiorese Vieira	Aceito
Outros	Autorizacao_Maringa.docx	08/10/2015 18:29:08	Lenamar Fiorese Vieira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_Lenamar_2015.docx	08/10/2015 18:23:37	Lenamar Fiorese Vieira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4444 **Fax:** (44)3011-4518 **E-mail:** copep@uem.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 1.324.411

MARINGÁ, 16 de Novembro de 2015

Assinado por:
Ricardo Cesar Gardiolo
(Coordenador)

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG

Bairro: Jardim Universitário

CEP: 87.020-900

UF: PR

Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3011-4444

Fax: (44)3011-4518

E-mail: copep@uem.br

Termo de consentimento livre e esclarecido – Jogos Escolares Brasileiros 2015

Gostaríamos de solicitar sua autorização para a participação de seu filho(a) /menor sob sua responsabilidade, na pesquisa intitulada **Impacto do estilo das necessidades psicológicas básicas mediado pelo relacionamento treinador-atleta na experiência esportiva de jovens atletas brasileiros**, desenvolvida pela aluna de mestrado, Gislaine Contessoto Pizzo, sob orientação e coordenação da Prof^a Dra. Lenamar Fiorese Vieira, do departamento de Educação Física, da Universidade Estadual de Maringá. Esse estudo tem por objetivo investigar variáveis psicológicas que podem influenciar no desenvolvimento positivo de jovens no contexto esportivo.

A participação do seu filho/menor sob sua responsabilidade é muito importante e ela se dará através do preenchimento de três questionários que avaliam as experiências do jovem no esporte, o relacionamento treinador-atleta e motivação para o esporte, bem como de uma ficha com dados pessoais aplicados pela pesquisadora. Informamos que ao preencher os questionários pode ser que ocorra algum constrangimento em responder algumas questões, mas cabe destacar que os questionários utilizados acompanham procedimentos aceitos internacionalmente e que os dados serão mantidos em sigilo. Gostaríamos de esclarecer que a participação do seu filho(a)/menor sob sua responsabilidade é totalmente voluntária, isenta de qualquer despesa ou ressarcimento decorrente do estudo, podendo você recusar-se a autorizar tal participação, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo a sua pessoa ou ao(a) seu(sua) filho(a)/menor sob sua responsabilidade. As informações obtidas serão usadas somente para fins desta pesquisa e tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar sua identidade e a de seu(sua) filho(a)/menor sob sua responsabilidade.

Destacamos que seu filho(a)/menor sob sua responsabilidade não terá benefícios diretos do projeto; no entanto, caso o(a) senhor(a) tenha interesse em receber os resultados da pesquisa, solicitamos que nos forneça seu email, pois assim, ao final do estudo, encaminharemos os resultados via email.

Caso o(a) senhor(a) tenha mais dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, pode nos contatar no endereço abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta neste documento. Esse termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida e assinada entregue ao (à) senhor(a).

Antecipadamente gratos, colocamo-nos a sua disposição.

Eu, Gislaine Contessoto Pizzo, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-citado.

_____ Data:

_____/_____/_____
Assinatura do Pesquisador

Consentimento do Responsável pelo Menor

Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE, da pesquisa desenvolvida pela aluna de Mestrado Gislaine Contessoto Pizzo, sob orientação e coordenação da Prof^a Dra. Lenamar Fiorese Vieira.

Assinatura: _____

Maringá, ____ de _____ de 2016.

Qualquer dúvida em relação à pesquisa poderá ser esclarecida com a pesquisadora responsável: Lenamar Fiorese Vieira. Endereço Profissional: Universidade Estadual de Maringá - Departamento de

Educação Física – Av. Colombo, 5790 – Jardim Universitário - Maringá-PR. Telefone: (44) 3011-1347. Email: lfvieira@uem.br. Ou ainda com a pesquisadora e aluna de Mestrado: Gislaine Contessoto Pizzo Endereço Profissional: Universidade Estadual de Maringá - Departamento de Educação Física – Av. Colombo, 5790 – Jardim Universitário - Maringá-PR. Telefone: (44) 9828-1940. Email: gislainecontessoto@gmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá – Avenida Colombo, 5790, Campus Sede da UEM. Bloco da Biblioteca.